



Jardim de Infância
Nossa Senhora
das Graças

50 ANOS

UM CORAÇÃO
QUE PALPITA

FICHA TÉCNICA

Título: Jardim de Infância Nossa Senhora das Graças, 50 anos. Um coração que palpita

Texto e Revisão: Daniela Costa

Colaboração e Coordenação da Obra: Direção AJINSG

Testemunhos e Fotografias: AJINSG

Apresentação: D. Daniel Batalha Henriques

Paginação e capa: Dordio & Sénica atelier

Depósito Legal:

Impressão: Diário do Minho

Tiragem: 500 exemplares

1.^a Edição Novembro de 2020

Jardim de Infância Nossa Senhora das Graças

Rua General Ferreira Martins 16,

1495-137 Algés

Calçada do Rio 53

1499-005 Algés

ÍNDICE

D. DANIEL BATALHA HENRIQUES	5
0. UM CORAÇÃO QUE PALPITA	11
1. FREDERICO OZANAM. A SEMENTE	15
2. SOB A PROTEÇÃO DE NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS	23
3. AJUDA DE MÃE EMBRIÃO E BERÇO DE UM SONHO	29
4. 25 DE ABRIL E A COMISSÃO DE PAIS	53
5. UMA COORDENADORA PRESENTE	59
6. UMA INFÂNCIA FELIZ É O MELHOR QUE SE PODE DAR	69
7. FAZER OMELETES SEM OVOS	77
8. O CARISMA DA D. MANUELA THEIAS	85
9. UMA NOVA ESCOLA	91
10. LUFADA DE AR FRESCO	99
11. VIDAS MARCADAS PELO JINSG: EX-ALUNOS	103
12. VIDAS MARCADAS PELO JINSG: VICENTINA D. VIOLETE	107
13. VIDAS MARCADAS PELO JINSG: FILHO DE VICENTINA	109
14. MENSAGEM VISÃO DE FUTURO	111



Tudo o que fizestes
a um destes meus irmãos mais pequeninos,
a Mim mesmo o fizestes...

Jesus (Mt 25,40)

Ontem, como hoje, são muitos aqueles que se mantêm de olhos e coração bem abertos às necessidades do seu semelhante, nas suas novas expressões e manifestações, em cada tempo e em cada contexto. Ontem, como hoje, são muitos aqueles que não se limitam a apontar alguma entidade ou instituição que o pode valer nas suas necessidades, mas sentem depender de si mesmo uma resposta, na primeira pessoa. Ontem, como hoje, muitos põem toda a sua arte e engenho, agregam-se, procuram caminhos e saídas, para proporcionar uma resposta pronta, eficaz e consistente para esses mesmos problemas. Pessoas como estas tornam a Humanidade uma realidade muito bela e o ser-se Homem um desafio apaixonante, nunca acabado.

Para quem é cristão, e alimenta com verdade a sua fé na Palavra de Deus e na Eucaristia, ao toque de humanidade comum a tantos outros seres humanos solidários, junta-se uma outra dimensão decisiva, não opcional, mas constitutiva do ser-se discípulo de Jesus. Habitua-mo-nos a escutar o Senhor que apresenta o Amor a Deus e o Amor ao Próximo como as duas faces de um único mandamento, o maior de todos, inseparáveis um do outro (Mt 22,34-40). E quando alguém perguntou a Jesus: “quem é o meu próximo?”, Ele apresentou a parábola do “bom samaritano”, que desceu da sua montada e se debruçou sobre aquele homem moribundo à beira do caminho, cuidou dele, levou-o para uma estalagem e prometeu que, no regresso, suportaria pessoalmente todas as despesas. Ou seja, um cuidado amoroso com princípio, meio e fim. Na mesma parábola, Jesus acautelava sobre a atitude de dois sujeitos muito religiosos, que vinham do culto no Templo e, vendo o mesmo homem, passaram ao largo (Lc 10,25-37). Todo o cristão tem diante de si uma outra parábola, a do pobre Lázaro coberto de chagas que pede esmola junto ao portão de um rico que parece nem o ver, bem como o desfecho da mesma (Lc 16,19-31). E quem não escutou já, com algum temor, a descrição do juízo final onde Jesus afirma solenemente: “tudo o que fizestes (ou deixaste de fazer) a um dos meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizeste (ou deixaste de fazer)?” (Mt 25,31-46)

Ao longo dos séculos, nunca estas palavras deixaram de suscitar inquietação, oração e acções concretas. Assim sucedeu com Frederico Ozanam que, na primeira metade do século XIX, juntamente com outros seis jovens, ini-

ciaram em França a Sociedade de São Vicente de Paulo. Rapidamente este movimento global de Caridade se espalhou por todo o mundo e, ainda na primeira metade do século passado, um grupo de homens e mulheres cristãos de Algés decidem constituir as conferências masculina e feminina de São Vicente de Paulo que, com grande mérito e entrega dos seus membros, se mantêm activas até aos dias de hoje. Mantendo em comum a identidade e o método, assim como o cuidado aos mais pobres nas suas múltiplas necessidades, decidem que os homens cuidariam das pessoas idosas mais vulneráveis e as senhoras das crianças mais pequeninas. Hoje, as excelentes obras sociais do Lar de São Vicente de Paulo, em Carnaxide, e da Associação Infantil Jardim de Infância Nossa Senhora das Graças, em Algés, são prova de um caminho feito a pulso, que não parou no tempo mas soube adaptar-se aos tempos novos.

Para além da comum filiação na Sociedade de São Vicente de Paulo, une as conferências masculina e feminina a sua ligação a Nossa Senhora, com o título de Nossa Senhora das Graças. Foi berço espiritual destes homens e mulheres cristãos a pequena capela que o casal Alice e Polycarpo Anjos tinham mandado edificar na sua propriedade em Algés, no final do século XIX, para sinalizar a gratidão pelos seus 25 anos de matrimónio. Nossa Senhora das Graças, cuja belíssima imagem pontificava na referida capela e pontifica agora na actual igreja paroquial, evocava então as graças recebidas pelo sacramento do matrimónio mas, sem o saberem, o casal Anjos iniciava uma devoção a que muitos se apegariam invocando Nossa Senhora das Graças pelas abundantes

graças recebidas por seu intermédio e pelas não menos numerosas súplicas a ela dirigidas para tantas obras realizadas ou por realizar.

Este livro que, com muita alegria, aceitei prefaciando desenvolve de forma primorosa a grande vitalidade desta Associação, as suas raízes, a sua história, o seu presente e os seus horizontes futuros. Fala de nomes, que a voragem dos tempos tende a esquecer, mas que é da mais elementar justiça que sejam recordados e homenageados, pela dedicação ímpar que tiveram a esta Instituição. Fala das entidades, como a Câmara de Oeiras, entre outras, que viram a seriedade e o alcance deste empreendimento e o souberam apoiar condignamente. Fala das feridas que se foram sarando, das dificuldades que se foram ultrapassando e das lutas que se foram travando. Fala, sobretudo, da alegria de quem soube estar no lugar certo, o lugar do serviço abnegado ao seu semelhante.

Se várias e generosas foram as presenças masculinas na história da Associação, é também de justiça destacar nela o papel fundamental das mulheres. A grandeza do seu coração, a sua sensibilidade feminina, o seu engenho e a sua resiliência, a profundidade prática da sua vivência espiritual, são a grande explicação, não apenas do que foi, mas no que se tornou esta obra, marcada pela ousadia e por uma visão de largos horizontes. Nas sucessivas direcções, nas associadas, nas educadoras e outras colaboradoras, a sua presença traz um colo terno e delicado, como o de uma mãe, onde sucessivas gerações de crianças se puderam aninhar e crescer completas e felizes.

Uma última palavra, quero dirigir aos actuais sócios e corpos sociais. Por razões diversas, hoje torna-se muito mais difícil encontrar quem aceite, como vós, num voluntariado dedicado e generoso, abraçar a missão e funções que vós abraçastes. Ânimo! Recordai quem vos antecedeu e fixai-vos nos pequeninos e nas suas famílias, que tanto esperam de vós. Isto vos ajudará a vencer, sem soçobrar, os recifes e tempestades que sempre surgem quando menos se espera.

D. Daniel Batalha Henriques

Bispo Auxiliar do Patriarcado de Lisboa



UM CORÇÃO . QUE PALPITA

A Sociedade Feminina de Nossa Senhora das Graças de Algés, fundada a 22 de fevereiro de 1943, ficou para a história da Sociedade de São Vicente de Paulo por ter criado a primeira obra de apoio à infância das Vicentinas em Portugal.

Importa, pois, resgatar as circunstâncias e as memórias da Associação Jardim de Infância Nossa Senhora das Graças (AJINSG) em Algés, atualmente com o estatuto de Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), de modo a assinalar o trilho percorrido e contribuir para firmar a Carta de Identidade desta instituição com 50 anos de história.

O objetivo deste livro não é tanto descrever exaustivamente datas e acontecimentos, mas antes deixarmo-nos encantar pela beleza de um coração que palpita e não fica indiferente às necessidades dos irmãos, sobretudo dos mais pobres. Desse modo, esta narrativa é uma colagem de retratos, nomes, histórias de vida, pequenas lembranças e impressões, de modo a construir uma tela que nos mostre a grandeza de uma obra que começou com pouco mais do que um sonho. O critério de seleção de testemunhos foi por vezes aleatório, ainda que tivesse havido a preocupação de dar o pincel aos principais intervenientes no processo, para que dessem cor e forma a este quadro.



As perspetivas dos diferentes testemunhos foram depois emolduradas com enquadramentos históricos e sociais e factos relativos à AJINSG.

Porque conhecer a nossa História nos permite construir com mais segurança o presente e fazer escolhas para o futuro, desejamos que as crianças sejam as que mais beneficiem com este levantar da pedra por onde tantas histórias e afetos escaparão.





1 FREDERICO OZANAM . A SEMENTE

Acontece, por vezes, ser em tempos difíceis que as melhores obras nascem. Como a vinha que suga o néctar doce dos terrenos mais pedregosos, também a natureza humana é colocada à prova nos momentos de grande provação. Assim aconteceu com Frederico Ozanam e ele respondeu com bravura aos desafios do seu tempo. Tendo chegado a Paris para estudar, ao cursar Direito na Universidade Sorbonne, com 20 anos de idade, deparou-se com um ambiente extremamente hostil a ideias e práticas religiosas. Ele, que provinha de uma família católica e que vivia a fé com alegria e ativismo, sentiu-se especialmente interpelado a arregaçar as mangas e lutar contra a corrente, mostrando que os princípios cristãos continuavam atuais e eram mais necessários do que nunca.

Estávamos em 1833 e a França, que em 1789 derrubara o Antigo Regime, instalando depois a Primeira República, era agitada por instabilidades políticas e sociais que se refletiam nas várias esferas da vida pública e privada. A Universidade Sorbonne era espelho dessas agitações e Ozanam desejava

encontrar companheiros que com ele implantassem firmemente a bandeira dos valores cristãos. *“Aparentemente faltavam a Ozanam qualidades de liderança. Não podia contar com o prestígio da beleza nem com ar autoritário. Mas era a bondade em pessoa, numa simplicidade que atraía simpatias. O que lhe dava mais destaque era a sua vigorosa inteligência e a maneira de agradar quase espontânea. Humilde por natureza, não avançava em intimidades, mas sabia despertar amizades imperecíveis. Essas qualidades valeram-lhe as primeiras aproximações com aqueles que iriam ser companheiros inseparáveis.”*¹ Reuniu companheiros, sobretudo entre os seus conhecidos e familiares de Lyon, que com persistência foram amaciando o ambiente ateuista hostil da universidade. Uma das primeiras ações do grupo foi investir na formação religiosa, contando com a ajuda de um ilustre teólogo parisiense. As conferências do padre Gerbert foram de tal forma bem-sucedidas que pretenderam que passassem a realizar-se na grande nave da igreja de Notre Dame, embora não tenham obtido aprovação do Arcebispo de Paris. Entretanto, Ozanam e os companheiros envolveram-se em grupos de discussão como a Sociedade dos Bons Estudos e as Conferências de História, defendendo sempre o ponto de vista da religião católica. Essas reuniões eram por vezes tumultuosas e em dada ocasião um estudante, aludindo ao ceticismo de Voltaire, afirmou:

- Vocês têm razão se ficarem no passado, quando o Cristianismo fez prodígios. Mas hoje ele está morto! E vocês, que se gabam do Catolicismo, o que fazem agora? Onde estão as obras, as obras que provam a fé e que nos poderiam convencer?

Em vez de responder com arrogância e refutar aqueles argumentos, Ozanam deixou que as palavras do colega fizessem eco no seu coração e viu-se obrigado a dar razão ao estudante. Foi essa capacidade de ouvir e aceitar uma crítica que lhe permitiu espalhar ao vento as sementes da mudança, exortando os seus companheiros:

1 Vida de Francisco Ozanam (1997), Almondina

- É preciso imitar Jesus Cristo quando pregava o Evangelho. Fundemos uma Conferência da Caridade. Vamos aos pobres!

A primeira ação que levou a cabo, juntamente com um companheiro, foi entregar lenha a um desvalido para que suportasse melhor o inverno. Fê-lo com um sentimento de compaixão e relatou aos amigos o episódio com olhar molhado e cintilante e voz trémula. A semente estava a quebrar a casca!

Recusaram dar catequese a crianças pobres para organizarem uma sociedade que amparasse famílias necessitadas, à qual deram o nome de Conferência da Caridade. Foram sete os fundadores, trabalhando com a motivação de verem no pobre a pessoa de Cristo, segundo o Evangelho. Foram eles Ozanam, Bailly, Lamache, Clavé, Le Taillandier, Devaux e Lallier, quase todos estudantes de Direito, que passaram a tratar-se por confrades. A sede era a redação da “tribuna Católica”, onde se realizou a 23 de abril de 1833 a primeira sessão, com invocação do Espírito Santo, leitura de excerto da “Imitação de Cristo” e organização do trabalho. Decidiu-se que a principal obra seria a realização de visitas domiciliárias a famílias pobres, a quem se deviam entregar “vales” que poderiam ser usados em determinados fornecedores, consoante as suas necessidades. Evitava-se a entrega de dinheiro. Distribuíram-se tarefas e elaborou-se uma estratégia de angariação de fundos que, numa primeira fase, consistia na recolha de fundos próprios.

Adotaram como patrono S. Vicente de Paulo, conhecido como o “Pai da Pátria”, por ser muito popular em França. Viveu entre 1580 e 1660 praticando uma solidariedade ativa durante toda a sua vida. A obra foi colocada sob proteção da Virgem Maria, rezando sempre a Avé Maria nas sessões e celebrando a festa da Imaculada Conceição.

Tiveram a ajuda de uma Irmã Filha da Caridade, congregação fundada por S. Vicente de Paulo, que os ajudou a elaborar a lista das famílias a ajudar.

Começaram então a procurar os pobres, visitando-os e levando-lhes alimentos, roupas, ajuda, dedicação e a palavra de Deus. O contacto com o sofrimento

e a miséria humana foi uma autêntica escola de vida, levando aqueles jovens a entender o verdadeiro sentido da caridade e a interiorizar, em toda a sua dimensão, a exortação de Cristo de fazer do amor ao próximo o novo mandamento.

A Conferência era já uma pequena planta de caule muito frágil, mas apontando sempre para o Alto, não vergando perante os ventos contrários.

Ozanam cedo entendeu que não bastava suprir as necessidades materiais. Um dos casos que o tocou foi o de uma mulher que trabalhava desalmadamente para sustentar cinco filhos e via os seus rendimentos serem levados pelo marido para se embriagar. Ozanam ajudou-a a separar-se desse homem com quem não estava casada e reuniu meios para que ela pudesse sair da cidade com as crianças mais pequenas, encontrando ofício para os mais velhos.

Nesse verão, acompanhando a família numa viagem a Itália, Ozanam foi recebido em audiência particular pelo Papa Gregório XVI.

Regressou a Paris e empenhou-se fortemente em terminar o curso de Direito, embora desejasse seguir Letras. A viagem a Itália despertara nele o gosto pela literatura.

No outono de 1833 eram 25 os elementos da Conferência da Caridade, que faziam visitas semanais às famílias identificadas, assistiam jovens delinquentes e prisioneiros, ensinavam operários a escrever, entre muitas outras coisas.

Um ano depois já ascendiam a uma centena e em 1835 o grupo foi dividido em dois e a partir de então começaram a surgir novas conferências, todas presididas por Bailly.

A frágil planta robustecia-se e aperfeiçoava-se a cada dia.

Ozanam acompanhava todos os grupos, tentando levar Deus à inteligência e ao coração dos jovens. Entretanto, a 8 de março de 1835, conseguiu aprovação para levar o padre Lacordaire a proferir uma conferência em Notre Dame, o que teve enorme êxito.

Nesse ano, escreveram um Regulamento para orientar a atividade da So-

cidade da Caridade e dos seus membros e passaram a designar o movimento como Sociedade de São Vicente de Paulo.

Terminando os estudos, Ozanam regressou a Lyon, onde fundou uma Conferência, que socorria 100 famílias, a quem proporcionava assistência médica; assistia espiritualmente vicentinos e assistidos; dedicou-se à criação de uma biblioteca com escola e promovia preleções do Vigário aos domingos.

Insatisfeito com a sua vida de advogado, procurava mudar de atividade profissional, tendo para isso viajado novamente até Paris, onde fez algumas diligências. Acontece que nesse período o seu pai sofreu um acidente que o deixou gravemente ferido e, sabendo da notícia, Ozanam retornou a Lyon, onde, porém, já não chegou a tempo do enterro.

Além do intenso sofrimento pela morte do pai, coube-lhe ainda prover o sustento da mãe e do irmão mais novo. Dedicando-se afincadamente ao trabalho, conseguiu paralelamente prosseguir com o doutoramento em Letras, escrevendo duas teses que defenderia em Paris a 7 de janeiro de 1839. O êxito do seu trabalho foi reconhecido e ele foi nomeado professor de Direito Comercial em Lyon. No final desse ano, novo golpe o atingiu, com o falecimento da sua mãe. Durante o seu luto, escreveu:

“Quando faço algo pelos pobres que ela tanto amava; quando me entrego a Deus, a quem ela tanto servia; quando rezo, creio escutar sua oração, que acompanha a minha, como fazíamos juntos ao pé do Crucifixo.”

Em Paris, existiam já 14 Conferências e mais de 1000 vicentinos e floresciam 80 conferências em 48 cidades. A semente lançada à terra transformara-se num belo girassol, apontando sempre o caminho da justiça e da fraternidade, carregado de centenas de sementes.

É à capital que Ozanam regressa para ser professor na Sorbonne, ministrando a cátedra de Literatura Estrangeira e reacendendo as suas lutas em defesa da religião.

A 23 de julho de 1841, contraiu casamento e, depois de uma lua-de-mel por Itália – onde mais uma vez foi recebido pelo Papa –, instalou-se com a esposa em Paris. Retomou as aulas e presidiu à Conferência Literária do Círculo Católico. Depois de ser atacado por um jornal católico pelas palavras que proferiu numa conferência, afirmou como defesa que o Evangelho deve ser visto *“como roteiro para a defesa da fé, no duplo amor da verdade e da caridade, da misericórdia e da paz. Devíamos lamentar e não injuriar os incrédulos. E aos ateus, não mortificá-los, mas tentar convencê-los. E à brutalidade dos seus ataques responder com a lição de uma polêmica generosa.”*

Apesar da imensa atividade profissional e social, dedicava o tempo livre à Sociedade de São Vicente de Paulo, numa altura em que cerca de 2000 vicentinos apoiavam já mais de 1500 famílias em França.

Em 1846, foi eleito Presidente da SSVP, mas ele recusou e preferiu continuar a ser vice-presidente.

Nesse ano, adoeceu e para se restabelecer afastou-se por um ano de Paris, tendo regressado com forças renovadas.

Afirmava que *“a questão que divide os homens é uma questão social, restando saber se a sociedade será a exploração em proveito dos fortes ou uma consagração para amparar os fracos. Há os que possuem demais e os que nada possuem. Estes acabarão tomando o que lhes estão negando. Uma terrível luta prepara-se entre duas classes: de um lado o poder da riqueza, do outro o poder do desespero.”*

Na sequência da revolução republicana de 1848, Ozanam e muitos outros vicentinos combateram para defender a Democracia. O trabalho dos vicentinos foi crucial no pós-combates, com a população a sofrer de fome e cólera.

Quando a SSVP já se espalhava pelo mundo todo, em 1851, Ozanam teve uma recaída. Ainda assim, voltou ao trabalho e aos assuntos dos vicentinos. Dois anos depois, estava em Pisa a abrir caminho para a instalação de um Conferência quando compôs esta oração:

“Será necessário, Senhor, que eu renuncie a todos os bens que me dispensastes? Não quereis que eu Vos dê somente uma parte do sacrifício? Qual das minhas afeições desregradas desejais que eu imole? Não aceitaríeis o holocausto do meu amor próprio literário, das minhas ambições académicas, dos meus projetos de estudo onde ressalta mais orgulho que zelo pela verdade? Se eu vendesse metade dos meus livros e desse o preço aos pobres... Se, limitando o meu trabalho, eu consagrasse o resto da minha vida a visitar os indigentes, a instruir os ignorantes, ficariais satisfeito, Senhor, e me concederíeis a doçura de envelhecer junto à minha esposa e de completar a educação da minha filha?

Talvez, oh Meu Deus, não queirais nada disso. Vós não aceitaríeis a minha oferta egoísta, o meu holocausto e o meu sacrifício. É a mim que quereis. Eu vou, oh Senhor!”

Muito ciente do fim que se aproximava, a esposa perguntou-lhe certa vez qual o maior dom de Deus e ele não hesitou em responder: *“Paz no coração. Com ela se enfrentam todos os males, mesmo a aproximação da morte!”*

A 8 de setembro de 1853, às 8 da noite, em Marselha, deu o último suspiro. O magnífico girassol que crescera sob a sua proteção lançara centenas de sementes à terra e estas iam rebentando em diversas partes do mundo, espalhando o perfume da generosidade e da justiça junto dos mais desfavorecidos.

A Sociedade de São Vicente de Paulo abriu uma nova era, com o seu apóstolo leigo.

2 SOB A PROTEÇÃO DE NOSSA SENHORA . DAS GRAÇAS

A SSVF foi implantada em Portugal através do Cónego Sena de Freitas e do Padre Miel, ambos Lazaristas, do Visconde de Aljezur e do Conde de Samodães. A primeira Conferência surgiu em 29 de Setembro de 1859, junto à Igreja de S. Luís dos Franceses, tendo por esse motivo ficado conhecida como a “Conferência de S. Luís”.

Foi oficializada um mês mais tarde. Hoje em dia, em Portugal, existem 900 grupos, denominados “Conferências”, com cerca de 10.000 membros, conhecidos por “vicentinos”, homens e mulheres, jovens e adultos.

Os vicentinos testemunham a sua fé através de obras de misericórdia, aproximando-se daqueles que sofrem, seja qual for o tipo de sofrimento ou carência, transportando Fé, Esperança e Caridade.

Para além das Conferências, a estrutura Vicentina em Portugal conta com um Conselho Nacional e 21 Conselhos Centrais que representam os vicentinos de cada diocese.

Entre os Conselhos Centrais e as Conferências, existem ainda os denominados “Conselhos de Zona”, abrangendo um grupo regional de Conferências que, em cada diocese, representam o órgão direto coordenador da atividade das Conferências, como ramos de um tronco que é o Conselho Central.

A Sociedade Feminina de Nossa Senhora das Graças de Algés foi fundada a 22 de Fevereiro de 1943. Como é predicado do carisma vicentino, desenvolve desde o início um trabalho de ajuda aos mais necessitados, pagando medicamentos, óculos, rendas de casa, contas de água, luz e telefone e refeições diárias a quem não tem outra forma de o fazer.

A primeira Mesa da Conferência de Nossa Senhora das Graças era constituída pela Sra. D. Maria Etelvina Fernandes Oliveira, como presidente; pela D. Laura Calado como Vice-Presidente; pela D. Maria Emília Chaves, como secretária, e pela D. Maria Elisa Caldeira, como tesoureira. Reuniam às quintas-feiras, pelas dez horas, na Rua João Chagas. Contavam com 18 membros ativos e 234 subscritores.

Em dezembro de 1971, por falecimento da D. Maria Etelvina, sucedeu-lhe D. Maria do Céu Barbosa que exerceu o cargo por 15 anos até ter adoecido. Sucedeu-lhe no cargo a D. Laura Calado e posteriormente a D. Manuela Theias. Depois foi a D. Violete presidente e a D. Irene vice-presidente.

Sob a orientação da Presidente, as Vicentinas reuniam-se semanalmente, às quintas-feiras. Cada reunião começava com as orações da regra, aprovação da ata da última reunião e leitura espiritual. Faziam seguidamente um ponto de situação dos casos que cada elemento foi conhecendo e acompanhando durante a semana, apresentando-os ao conhecimento do grupo para se estudar a melhor forma de atuar. Na medida das suas possibilidades, procuravam soluções para os problemas com que se deparavam e muitas vezes ficavam

SOCIEDADE FEMININA DE S. VICENTE DE PAULO

Conselho Superior

QUADRO ESTATÍSTICO

Conferência de Mossa Senhora da Graça
Localidade Alger

ANO DE 1963 DIOCESE Lisboa

A Conferência foi fundada em 6 / 9 de 1940 e agregada em 22-2-1943 de 1943. Funciona na freguesia de Camarnide e reúne aos 5.ª feira às 10 horas, sendo a sua sede na Rua de João Chagas - 3.ª + Alger

Mesa da Conferência

Cargo	Nome	Morada	Telef.
Pres.	<u>Maria Adelaide T. Oliveira</u>	<u>Lezíria, Póvoa</u>	<u>212330</u>
1.ª v. Pr.	<u>Lezíria Calado</u>	<u>R. Póvoa, 3722</u>	<u>216356</u>
2.ª v. Pr.			
Secret.	<u>Maria Paula Chaves</u>	<u>Av. República, 743</u>	
Tesour.	<u>M.ª Oliva Calderin</u>	<u>R. Póvoa, 45</u>	<u>212534</u>

Obras adoptadas além da Visita Domiciliária

1.ª Reflex. elaboradas em casa 4.ª
2.ª particulares 3.ª

Membros e Subscritores da Conferência

	No ano actual	No ano anterior
Membros de honra (clero) <u>Benedito Pires</u>	<u>1</u>	<u>1</u>
Membros honorários		
Membros activos	<u>18</u>	<u>16</u>
entrados durante este ano	<u>1</u>	
saídos, falecidos ou eliminados por ausência	<u>2</u>	
Membros aspirantes		
Subscritores	<u>234</u>	<u>218</u>

ATENÇÃO — 1) Enviar um exemplar ao Conselho a que a Conferência está ligada, ficando o outro no arquivo da Conferência. 2) Deve ser enviado ao Conselho até 31 de Janeiro, pedindo-se todo o interesse em responder ao questionário.

profundamente angustiadas por não terem capacidade de resposta, dada a sua complexidade. Durante a semana, levavam a cabo as atividades, que se centravam nas visitas periódicas aos protegidos. Além de lhes levarem bens materiais, conversavam acerca das suas dificuldades, ao mesmo tempo que lhes transmitiam a palavra de Deus, apontando caminhos de bem e de esperança.

Nessas visitas, ensinavam-se hábitos de higiene e fornecia-se também artigos de higiene, roupa de uso pessoal, bem como de banho e de cama. Para pouparem recursos, as senhoras compravam grandes peças de pano e confeccionavam lençóis, fraldas, roupas de criança e de bebés. Esse trabalho era feito no Palácio Foz, residência da Sra. D. Mafalda, Condessa de Cabral, que cedia salas e máquinas de costura para esse efeito. As senhoras juntavam-se em casa dela para trabalhar, costurando, organizando roupas e separando donativos. Alguns anos mais tarde, esse trabalho passou a ser feito em casa da senhora D. Zélia, que disponibilizava uma divisão da sua casa para as senhoras fazerem esse trabalho com a mesma máquina de costura que estava no Palácio Foz.

Nesse Palácio havia eucaristia diária aberta à comunidade e foi assim que a Dona Violeta conheceu em 1960 as Vicentinas. Seduzida pelo carisma, aproximou-se e integrou o grupo das Vicentinas de Algés.

Seis anos depois, em Dezembro de 1966, nascia a Paróquia de Algés, que passou a denominar-se Paróquia de Cristo Rei de Algés, desintegrando-se da paróquia de São Romão de Carnaxide. Até 20 de Novembro de 1977, data da dedicação da nova igreja, Algés teve como igreja paroquial a Capela de Nossa Senhora das Graças, que havia sido oferecida ao Patriarcado pela família Alice e Polycarpo Anjos, de Algés. A atual igreja foi construída precisamente no local onde estava edificada essa capela.

Atualmente em cada segundo Domingo do mês, a Conferência Vicentina recolhe na paróquia as ofertas dos fiéis para auxílio aos mais desfavorecidos.

Em cada ano, antes do Natal, promove a Semana da Caridade, tendo em vista o reforço da ajuda alimentar no tempo de Natal às famílias apoiadas regularmente, através do Banco Alimentar, que assumem. Recolhem conservas, azeite e óleo, leite, açúcar, massas e arroz, bacalhau, entre outros. Estes bens são colocados nas caixas preparadas para o efeito, colocadas à entrada das igrejas de Algés e de Miraflores, assim como no salão paroquial e no centro paroquial, em Miraflores.

Desde as primeiras décadas de atividade das Vicentinas até aos dias de hoje, muita coisa mudou em Algés e no mundo. Porém, com recursos muito parcos, as confrades mantêm-se fiéis à tradição Vicentina, assistindo material e espiritualmente, através de visitas domiciliárias, algumas famílias ou pessoas isoladas da área geográfica da paróquia.

*“O Vicentino, compromete-se a cumprir a vocação e missão
da Sociedade de S. Vicente de Paulo,
Com humildade e espírito de pobreza, juventude e alegria;
Com criatividade, dinamismo e ousadia, centrando a sua
ação na tradicional visita domiciliária;
Nunca esquecendo que a seu lado pode estar o “seu próximo”
(aquele que mais precisa de nós)”*

https://www.igrejacampogrande.pt/cg/?page_id=102

3 AJUDA DE MÃE EMBRIÃO . E BERÇO DE UM SONHO

No século XIX e início do século XX, Algés foi uma praia de luxo muito frequentada pelas famílias mais abastadas de Lisboa. Com o desenvolvimento dos meios de transporte, nomeadamente a linha férrea, também as classes baixas passaram a ter acesso às praias da linha de Cascais, modificando a paisagem social da localidade.

Um dos mais emblemáticos imóveis e ex-libris de Algés é o Palácio Ribamar, um grande edifício cor-de-rosa em cantaria com portas de sacada, rodeado de um jardim de parapeito gradeado. Foi propriedade dos Condes de Tomar e transformou-se nos alvares do século XX em casino com restaurante, jogos e diversões ao ar livre. O Palácio Ribamar teve outras ocupações ao longo do século até que já no novo milénio reabriu as suas portas à comunidade para albergar coletividades, como o Sport, Algés e Dafundo, clube de natação famoso entre os Clubes Náuticos de Portugal.

Na década de 1960 começam a surgir em Algés grandes urbanizações. O crescimento das áreas urbanas avançou em todas as direções, privilegiando os eixos das vias de comunicação como o caminho-de-ferro e a

Estrada Marginal. Graças à sua proximidade e acessibilidade a Lisboa, Al-gés foi-se transformando numa área residencial de grande densidade, com a construção de edifícios novos à custa da destruição de algum edificado de época. Nessa década, os novos habitantes eram sobretudo migrantes oriundos do interior do país, atraídos pelas oportunidades de emprego na indústria e nos serviços da Grande Lisboa. Surgiram bairros de lata desordenados e embriões de variadíssimos problemas sociais, que simultaneamente descaraterizavam a freguesia, até aí território de baixa densidade, com grandes quintas de produção agrícola e casas de veraneio.

As transformações demográficas rapidamente alteraram o tecido social da freguesia e um conjunto de Vicentinas começou a inquietar-se com os novos desafios de pobreza que iam conhecendo. Algumas delas tinham no serviço doméstico empregadas e apercebiam-se da sua enorme dificuldade em ir trabalhar por terem filhos pequenos e não terem com quem os deixar. As senhoras inquietaram-se com a situação das mães, mas mais ainda com o destino das crianças, que muitas vezes passavam dias inteiros na rua, sujeitas a todo o tipo de perigos. Sonharam para esses meninos um lugar onde pudessem ser crianças e crescer em segurança e harmonia.

Essas pioneiras viram as carências existentes, deixaram o eco dos pobres ressoar nos seus corações e, como se movimentavam em meios sociais de gente com poder e recursos, começaram a estabelecer contactos no sentido de encontrar uma resposta para as crianças poderem desenvolver-se harmoniosamente e as suas mães poderem trabalhar e com isso melhorar a sua situação socioeconómica.

Bem posicionadas na sociedade, puderam contar com o apoio do Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, amigo da Sra. D. Maria do Céu Barbosa e do seu marido. Este, sendo juiz, prestou imprescindível apoio para a formalização legal da instituição e respetivo registo junto das entidades competentes.

A 17 de dezembro de 1968, recebem um presente de natal, que não seria para elas, mas para a comunidade que apoiavam: uma carta do Presi-

dente da Câmara de Oeiras a autorizar o início dos trabalhos de construção do Jardim de Infância.

Exma Sra.			
D. Maria de Lancastre Ferreira Pinto			
Alameda Marechal Carmona, 14			
<u>D A F U N D O</u>			
Sua referência	Sua comunicação de	Nossa referência	DATA
		19545	17-XII-68
ASSUNTO construção duma creche			
Reportando -me à carta de V. Exa. datada de 22 de Novembro do ano corrente, informo que esta Câmara Municipal, em reunião de 27 do mês findo, deliberou autorizar o início dos trabalhos de construção da creche. Com os meus cumprimentos. A bem da Nação C. Presidente da Câmara, <i>Ca D. M. de F. Pinto</i>			

Assim que obtiveram a cedência do terreno camarário, junto ao Palácio Ribamar e em frente à capela de Nossa Senhora das Graças, começaram a instalação, em 1969, de um edifício pré-fabricado, custeado por elas e erigido sob sua orientação. Fizeram parte da Comissão Instaladora a Sra. D. Maria Luísa Themudo da Costa Macedo, a Sra. D. Josefina Fernandes Oliveira, a Sra. D. Maria Eugénia Sá da Bandeira, a Sra. D. Maria da Graça Machado Sousa Vinagre e a Sra. D.

Algi, 7 de Outubro de 1969

Para Administração da Campanha
Bimunto Social (b. do Bimunto)
Beja

A Conferência Vicentina Feminina de "Nossa S. das Graças", de Algi, está construindo nesta localidade com ajuda da Câmara Municipal de Almas e da Caridade Portuguesa um pequeno edifício para instalação de um Jardim Infância.

Porque são poucos os nossos recursos, carecemos de ajuda de todos os que conferendo a obra das conferências estejam dispostos a ajudar-nos neste empreendimento. Assim, nunca poder a V. Ex. a ajuda de alguns sacos de cimento, pois neste momento estamos debilitados, para que a obra não seja paralisada.

O edifício que estamos construindo fica na Rua João Botas, em Algi, entre em frente da actual capela.

Apresenta a V. Ex. as melhores cumprimentos e as saudações Vicentinas

A. Presidente
Maria do Espírito Santo Barbosa
(Av. da República n.º 86-1.º Algi)

Maria do Céu Barbosa, todas Vicentinas. Esta última foi uma peça determinante para que este projeto fosse possível. Era uma senhora que dava nas vistas, alta e elegante, tinha uma cabeleira muito farta e encaracolada. O seu carisma e proatividade foram determinantes para que o Jardim de Infância nascesse.

Usaram os contactos e os meios que tinham à sua disposição de modo a irem conseguindo financiamento e sustentabilidade para o projeto.

As carências eram de todo o tipo e, a 7 de outubro de 1969, enviaram a seguinte carta à Administração do Cimento Secil:

“Exma. Administração da Companhia de Cimento Secil (C. Tejo)

A Conferência Vicentina Feminina Nossa Senhora das Graças de Algés está construindo nesta localidade com a ajuda da Câmara Municipal de Oeiras e da Caritas Portuguesa um pequeno edifício para instalação de um Jardim Infantil.

Porque são poucos os nossos recursos carecemos da ajuda de todos os que conhecendo as Conferências estejam dispostos a ajudar-nos neste empreendimento. Assim, vimos pedir a V. Exa. a ajuda de alguns sacos de cimento pois neste momento estamos deles carecidos para que a obra não paralise. O edifício que estamos construindo fica na Rua João Chagas, em Algés, mesmo em frente da actual capela.

Apresento a V. Exa os melhores cumprimentos e saudações Vicentinas,

A Presidente,

Maria do Céu Matos Barbosa”

Também haviam dirigido à Direção do Banco um pedido de patrocínio e nessa missiva destacam:

“(…) Desnecessário será encarecer o alcance social de tal obra num meio como Algés onde não existe qualquer instituição para a proteção da criança”

Daqui se percebe a pertinência de uma estrutura que pudesse receber crianças em idade pré-escolar em Algés, visto que não existia outra instituição a prestar esse serviço.

Aos vinte e três dias do mês de Fevereiro de mil novecentos e sessenta, realizou-se a primeira reunião de direcção da Associação do "Jardim de Infância", de colaboração com a Direcção da Conferência Feminina de Nossa Senhora das Graças, a fim de se abordarem assuntos relativos ao "Jardim de Infância", os quais estão a ser dirigidos pela referida Direcção. Estavam presentes, a Presidente da Conferência Feminina de Nossa Senhora das Graças, Maria do Céu Barbosa, a Vice Presidente, Maria Luiza Mendes Silva, a Secretária Maria de Lourdes Braz Fernandes, a Tesoureira Maria Elisa Rodrigues Caldeira, a Presidente do "Jardim de Infância", Maria Luiza Fernandes da Costa Macedo, a Vice Presidente, Maria da Graça Vinagre, a Secretária que redigiu este acta, Joaquim Maria Fernandes de Oliveira e as convidadas Maria Alice Ferreira Assistentia Social, e Maria Elzevina Fernandes de Oliveira, Vicentica. Justificou a falta, a Tesoureira do "Jardim de Infância" Maria Cecília da Bandeira.

Subiu-se logo na ordem do dia:

Legalização da Obra - A Presidente da Conferência de Nossa Senhora das Graças, informou que há duas vias para a legalização: - Pelos estatutos das Obras Assistenciais às Conferências, - Pelo Ministério da Saúde e Assistência. Este concede um subsídio permanente, por cada criança. As Obras Assistenciais às Conferências não podem repartir causas, por serem de fora, as somas anuais das que dão a Lisboa. Pedindo da a opinião da Habelhadora Social do Instituto de Assistência à Família, esta afirmou que tem mais segurança pelo Ministério. Ficou portanto resolvido que iriam à Direcção Geral da Assistência no próximo dia vinte e seis, pedir a legalização, a Presidente e a Vice-Presidente da Conferência e a Presidente e a Tesoureira do "Jardim de Infância".

Nome da Obra - Assentou-se no seguinte: "Associação do Jardim de Infância de Nossa Senhora das Graças."

Outros assuntos:

Pessoal Técnico - Pensou-se ser indispensável uma "Educadora de Infância" mas que o ideal seria duas visto a mesma ter dificuldade em estar com as duas idades: pré-primária e infantil.

Colaboração a pedir ao Serviço Social - Será possivelmente a seguinte, também segundo sugestão da Trabalhadora Social de Assistência à Família, - fazerem um inquérito à família, sobretudo na parte social, preencherem fichas em duplicado, para que tanto o Serviço Social como o "Jardim de Infância", tenham o ficheiro das famílias. Pensa que o Jardim de Infância será um protótipo para educar a família, com o que todas concordam.

Contribuição monetária - Vai informar-se qual é o salário normal e proceder a um estudo minucioso da família para saber qual a mensalidade a atribuir.

Crianças de níveis diferentes - Podem ser admitidas crianças de níveis diferentes e viram-se até grandes vantagens nisso, contanto que as mães tenham de facto necessidade de trabalharem fora de lar.

Reuniões de pais - Verificou-se a grande necessidade das reuniões, feitas em dois turnos segundo a idade das crianças.

Não havendo mais nada a tratar encerrou-se a reunião.

Algar, 23 de Fevereiro de 1970

A Presidente - Maria Fátima Almeida de Macedo

A Vice Presidente - Maria da Graça Machado de S. Vitorino

A Secretária - Graça Maria Fernandes de Oliveira

"Ata n. 1

Aos vinte e três dias do mês de fevereiro de mil novecentos e setenta, realizou-se a primeira reunião da Direção da Associação "Jardim de Infância", de colaboração com a Conferência Feminina de Nossa Senhora das Graças, a fim de se abordarem assuntos relativos ao "Jardim de Infância", os quais estão a ser listados pela referida Direção.

Estavam presentes, a Presidente da Conferência Feminina Nossa Senhora das Graças, Maria do Céu Barbosa, a vice-presidente, Maria Luíza Mendes Silva, a secretária Maria de Lourdes Braz Sousa, a tesoureira Maria Eliza Rodrigues Caldeira, a Presidente do “Jardim de Infância”, Maria Luíza Temudo da Costa Macedo, a vice-presidente Maria da Graça Vinagre, a secretária, que redigiu esta ata, Maria Josefina Fernandes de Oliveira, e as convidadas Maria Alice Ferreira, assistente social, e Maria Etelvina Fernandes de Oliveira, Vicentina. Justificou a falta a tesoureira do “Jardim de Infância” Maria Eugénia Sá da Bandeira.

Entrou-se logo na ordem do dia.

Legalização da obra: A Presidente da Conferência Feminina Nossa Senhora das Graças informou que há duas vias para a legalização: pelos Estatutos das Obras Assistenciais à Conferência; pelo Ministério da Saúde e Assistência. Este concede um subsídio permanente por cada criança. As Obras Assistenciais à Conferência não podem repartir connosco, por sermos de fora, as somas avultadas que dão a Lisboa. Pedindo-se a opinião da trabalhadora social do Instituto de Assistência à Família, esta afirmou que temos maior segurança pelo Ministério. Ficou portanto resolvido que iriam à Direção Geral da Assistência à Família no próximo dia vinte e seis pedir a legalização a Presidente e Vice-Presidente da Conferência e a Presidente e a Tesoureira do “Jardim de Infância”.

Nome da Obra: Assentou-se no seguinte: “Associação Jardim de Infância Nossa Senhora das Graças”

Outros Assuntos:

Pessoal Técnico – Pensou-se ser indispensável uma educadora de infância, mas o ideal seria duas, visto a mesma ter dificuldades em estar com as duas idades pré-primária e infantil.

Colaboração a pedir ao Serviço Social- será possivelmente a seguinte, também de acordo com a opinião da Trabalhadora Social de Assistência à Família, fazerem um inquérito à família, sobretudo na parte social, preencherem em duplicado, para que tanto o Serviço Social como o “Jardim de Infância” tenham o ficheiro das famílias. Pensa que o Jardim de Infância será um pretexto para educar a família, com o que todas concordamos.

Contribuição monetária – vai informar-se qual é o escalão normal e proceder a um estudo

minucioso da família para saber qual a mensalidade a atribuir.

Crianças de níveis diferentes – podem ser admitidas crianças de níveis diferentes e viram-se

até grandes vantagens nisso, contanto que as mães tenham de facto necessidade de trabalhar

fora do lar.

Reuniões de pais – verificou-se a grande necessidade destas reuniões realizadas em dois turnos segundo a idade das crianças.

Não havendo mais nada a tratar, encerrou-se a reunião.

(assinaturas)”

Tiveram de enfrentar muitas adversidades, tanto mais que era um projeto inovador a nível da SSVP portuguesa, de modo que não puderam contar com aconselhamento de outras Conferências. As atas das reuniões e a diversa correspondência testemunham o árduo caminho percorrido.

A 05 de março de 1970 dirigem uma carta ao Ministro da Saúde e Assistência, informando que os Estatutos estão em aprovação e pedindo ajuda financeira para comparticipar as obras realizadas e ajudar à manutenção da Obra.

Senhor Ministro Da Saúde e Assistência

EXCELENCIA :

A Conferência Feminina de N.ª S.ª das Graças, de Algés, tomou a iniciativa de
de organizar um Jardim de Infância, cujos Estatutos traz á aprovação de V.
Excelencia .

Na construção do respectivo edificio gastou mais de duzentos mil escudos.
Para o poder por a funcionar Vem pedir a V.ª Ex.ª uma comparticipação nas
onergas dessa construção e nos que decorrerão com o seu equipamento, bem
como para a sua manutenção dada que as receitas que obter as associadas
não serão suficientes para esse efeito .

Confiantes, o grupo de Senhoras que constituem a respectiva Comissão Orga-
nizadora espera de V; Ex.ª o melhor acolhimento do seu pedido .

Queira V.ª Ex.ª aceitar as nossas melhores saudações

Algés, 7 de Março de 1970

A COMISSÃO

Maria Luíz Loureiro Mendes, Treus Theunis de Cortes
ria da Graça Ferrel, Machado de Santa Virgí-
rejo, Maria Teresa Fernandes de Oliveira
Maria Inês de Castro de la Bandeira

Entretanto, os Estatutos são aprovados em Diário da República no dia 24 desse mês.

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

Direcção-Geral da Assistência

Por despachos de S. Ex.^a o Secretário de Estado da Saúde e Assistência de 24 do corrente:

Aprovados os estatutos por que é criada e deverá reger-se a instituição de assistência particular denominada «Jardim Infantil de Moimenta da Beira», os quais contêm trinta e seis artigos, distribuídos por cinco capítulos.

Aprovados os estatutos por que é criada e deverá reger-se a instituição particular de assistência denominada «Jardim de Infância de Nossa Senhora das Graças», com sede em Algés, concelho de Oeiras, os quais contêm trinta e cinco artigos, distribuídos por cinco capítulos.

Aprovados os estatutos por que é criada e deverá reger-se a instituição particular de assistência denominada «Centro Educacional e Recuperador dos Internados no Sanatório de Torres Vedras», os quais contêm trinta e cinco artigos, distribuídos por cinco capítulos.

Acta nº 2

Aos seis dias do mês de Abril de mil novecentos e setenta realizam-se a segunda reunião de Direcção da Associação do Jardim de Infância. Estavam presentes o Presidente Maria Luiza Fernandes da Costa Macedo, a Vice

Presidente Maria da Graça Vinagre, a Secretária que redigiu esta acta Joaquim Maria Fernandes de Oliveira e duas senhoras que trabalham na "Obra dos Encerrados" de Figueira. Justificam a falta a Tesoureira Maria Eugénia Sá da Bandeira.

Cotas - Verificando-se a necessidade de começar o mais breve possível com a cobrança das mesmas, resolveu-se combinar com a Tesoureira, uma reunião para o dia 16 de corrente.

Venda do Natal a favor do Jardim de Infância - Em vez de se continuar com as roupas na Obra da Costura na Luz - Suebade, a Presidente lembrou que talvez as senhoras pudessem executar trabalhos para q. natal se realize uma venda a favor do "Jardim de Infância". Combinou-se que para tal se terminam de quinze em quinze dias, em casa da mesma e da Vice Presidente, e ainda que iriam indagar se a referida "Venda" pode ter lugar nas instalações do Jardim de Infância.

Refeições - De entrada fornecer-se-á uma sopa e a sobremesa, levando as crianças um candito.

Leite e manteiga - vamos tentar arranjar estes generos pela "Canta"

Tratados estes assuntos encerrou-se a reunião

Algar, 6 de Abril de 1970

A Presidente - Maria Luiza Fernandes da Costa Macedo

A Vice-Presidente - Maria da Graça Vinagre

A Secretária - Joaquim Maria Fernandes de Oliveira

1.º 2.º 3.º

“Ata n.º 2

Aos seis dias do mês de abril de mil novecentos e setenta realizou-se a segunda reunião da Direção da Associação “Jardim de Infância”.

Estavam presentes a Presidente do “Jardim de Infância”, Maria Luíza Temudo da Costa Macedo, a vice-presidente Maria da Graça Vinagre, a secretária, que redigiu esta ata, Maria Josefina Fernandes de Oliveira, e duas senhoras que trabalham na “Obra dos Enxovais” da freguesia. Justificou a falta a tesoureira do “Jardim de Infância” Maria Eugénia Sá da Bandeira.

Cotas – verificando-se a necessidade de começar o mais breve possível com a cobrança das mesmas, resolveu-se combinar uma reunião com a tesoureira para o dia 16 do corrente.

Venda de Natal a favor do Jardim de Infância – em vez de se continuar com as roupas na Obra de Costura na Cruz Quebrada, a Presidente lembrou que talvez as senhoras pudessem executar trabalhos para no natal se realizar uma venda a favor do “Jardim de Infância”. Combinou-se que para tal se reuniriam de quinze em quinze dias em casa da mesma e da Vice-presidente e ainda que iriam indagar se a referida “venda” pode ter lugar nas instalações do Jardim de Infância.

Refeições – na entrada, fornecer-se-á uma sopa e uma sobremesa, levando as crianças um conduto.

Leite e manteiga – vamos tentar arranjar estes géneros pela “Cáritas”

Tratados estes assuntos, encerrou-se a reunião.

(assinaturas e data)

10-04-1970

Carta da Presidente, Maria do Céu Matos Barbosa, ao Presidente da Câmara de Oeiras:

“Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras,

Em resultado da conversa tida com V. Exa. Na audiência que se dignou conceder à Direção da Conferência Feminina de Nossa Senhora das Graças de Algés, vimos dar-lhe conhecimento que a nossa construção para a instalação do “Jardim de Infância” está na fase de acabamentos. Temos ali gastos mais de duzentos mil escudos e já começaram a efectuar os pagamentos dos encargos que a Conferência assumiu.

Temos contado com algumas ajudas, entre as quais destacamos a da Junta da nossa Freguesia, como consta no officio cuja cópia enviamos incluso.

Contamos com a ajuda da Câmara da mui digna presidência de V. Excelência. Por isso, aqui estamos a pedir-lhe um subsídio para auxiliar a Conferência a efectuar os necessários pagamentos e uma contribuição mensal para a manutenção do “Jardim Infantil” que em breve vamos inaugurar e para cuja abertura solene faremos a V. Exa. oportunamente o devido convite.

Pedindo mais uma vez a generosa compreensão de V. Exa. Rogamos-lhe que aceite as melhores saudações Vicentinas.

*A Presidente,
Maria do Céu Matos Barbosa”*

Algés, 10 de Abril de 1970

Excelentissimo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras

- Em resultado da conversa tida com V.ª Ex.ª na audiência que se dignou conceder á Direcção da Conferencia Feminina de N.ª S.ª das Graças de Algés, vimos dar-lhe conhecimento que a nossa construção para a instalação do "Jardim de Infancia" está na fase de acabamentos .
Temos ali gaste mais de duzentos mil escudos e já começamos a efectuar os pagamentos dos encargos que a Conferencia assumiu .
Temos contado com algumas ajudas ,entre as quais destacamos a da Junta da nossa Freguesia ,como consta de officio cuja copia enviamos inclusa .
Contamos com a ajuda da Câmara da mui digna presidencia de Vossa Excelencia .
Por isso,aqui estamos a pedir-lhe um subsidio para auxiliar a Conferencia a efectuar os mencionados pagamentos e uma contribuição mensal para a manutenção do "Jardim Infantil", que em breve iremos inaugurar e para cuja abertura selene oportunamente faremos a V.Ex.ª e devida convite .
Pedindo ,mais uma vez a generosa comprehensão de V.Ex.ª ,rogamos-lhe que aceite as melhores saudações Vicentinas .

A Presidente

Maria do Céu Matos Barbosa

Maria do Céu Matos Barbosa

Avenida da Republica, nº 86 - 1.ª ALGÉS

O projeto foi levado a bom porto e enchia de orgulho a hierarquia Vicentina. A inauguração oficial deu-se a 7 de outubro de 1970, numa altura em que a instituição era já frequentada por 30 crianças. Diversas presidentes gostavam de visitar a obra e de a apresentar como caso de sucesso, de modo a que pudessem inspirar outros confrades. Entre elas, a D. Nina Catarino, que foi Presidente do Conselho Particular e depois também do Conselho Nacional das Vicentinas.



Acta 4.ª

Afim de se tratar de assuntos urgentes antes da abertura do Jardim de Infância, a Direcção do mesmo, tomou parte numa reunião da Conferência Feminina de Nossa Senhora das Graças. Os assuntos abordados foram os seguintes:

Inscrição das crianças - Pensa-se que se deve adoptar um preço único e achamos que se deve dar preferência às crianças do meio operário, visto de início podermos ter apenas umas quinze. Pensa-se que talvez possam pagar 150\$00 cento e cinquenta escudos mensais, e viu-se ainda que, p. b. devemos atender à situação financeira, no

deve preocupar acima de tudo a promoção social, não se esquecendo que as Vicentinas forneceriam umas listas com os nomes e moradas das mães afim de se proceder a um inquérito e a um estudo.

Refeições - Voltando a tratar-se deste assunto ficou assente que se forneceria às crianças, almoço e lanche. Horário - será o seguinte: entrada às oito e trinta, saída às dezasseis horas.

Sessão de Cinema - A Presidente da Conferência Vicentina de Nossa Senhora das Graças, informou que a Direcção do Hotel e Cafundó, apresentara uma conta de 1.700\$00 mil e setecentos escudos, aproximadamente, relativa às despesas com a Sessão a favor do Jardim de Infância e pediu para alguém investigar do assunto afim de se obter redução no valor.

Vogal au Conselho de "Jardim de Infância" - Foi convidada para este cargo a assistente Social Maria Alice Ferraes que aceitando bom grado prestar esta colaboração.

Não havendo mais nada a tratar encerra-se a reunião.

A Presidente Maria Clara Thelmont de Macedo

A Vice-Presidente Maria da Graça da Silva de S. Vinça

A Secretária - Irineu Maria Fernandes de Oliveira

Algar, 26 de Outubro de 1970

“Acta n.º 3

Além de assuntos urgentes de abertura do Jardim de Infância, a Direção do mesmo tomou parte numa reunião da Conferência Feminina Nossa Senhora das Graças. Os assuntos abordados foram os seguintes:

Inscrição das Crianças:- pensa-se que se deve adotar um preço único e achamos que se deve dar preferência às crianças do meio operário, visto de início podermos ter apenas umas quinze. Pensa-se que talvez possam pagar (150) cento e cinquenta escudos mensais e viu-se que de facto devemos atender à situação financeira, mas devemos preocupar-nos sobretudo com a promoção social. Ficou resolvido que as Vicentinas forneceriam umas listas com os nomes e as moradas das mães a fim de se proceder a um estudo e a um inquérito.

Refeições – voltando a tratar-se este assunto, ficou resolvido que seria fornecido às crianças almoço e lanche.

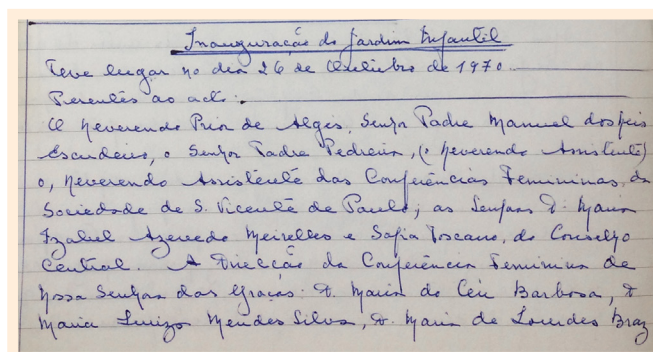
Horário: será o seguinte: entrada às oito e trinta; saída às dezoito horas.

Sessão de cinema: a Presidente da Conferência Feminina Nossa Senhora das Graças informou que recebeu cobrança da Direcção de Dafundo e Algés de (1700) mil e setecentos escudos, aproximadamente, relativa às despesas com a sessão a favor do Jardim de Infância e pediu para alguém ir tratar do assunto a fim de se obter redução da verba.

Vogal ou Conselheira do Jardim de Infância – foi convidada para este cargo a Assistente Social Maria Alice Ferreira, que aceitou de bom grado esta colaboração.

Não havendo nada mais a tratar, encerrou-se esta sessão.

Algés, 20 de outubro de 1970



Inauguração do jardim infantil
Terve lugar no dia 26 de Outubro de 1970.
Presentes ao act.:

O Reverendo Páro de Algés, Sr. Padre Manuel dos Reis Escudeiro, o Sr. Padre Pedro, (o Reverendo Amílcar), o Reverendo Assistente das Conferências Femininas da Sociedade de S. Vicente de Paulo, as Senhoras D. Maria Madalena Aguiar Mendes e Sofia Soares, do Conselho Central. A Direcção da Conferência Feminina de Nossa Senhora das Graças: D. Maria de Ceu Barbosa, D. Maria Luiza Mendes Silva, e Maria de Lourdes Braz.

e D. Maria Eliza Caldeira, A Presidente da Liga Independente Católica Feminina. D. Maria Cristina Peix e Sousa e as Vice-linhas D. Maria Euclides Jacobina Soares, D. Laura Calado, D. Yocimara Machado Silva, D. Adriano Barreira, D. Maria Elvina Fernandes de Oliveira, D. Maria da Conceição Alcada Padua, D. Zélia Passos de Almeida, D. Maria da Purificação Pogueira, D. Laura Guerra, D. Maria Amália Huss Gomes, D. Maria Carolina Campos, D. Maria Gabriel Taborda e Silva, D. Maria Tereza Tullines de Almeida, D. Galanda Zucate de Fonseca.

Depois de lançada a bênção pelo Vosso Reverendo Pároco, a Presidente da Conferência de Nossa Senhora das Graças, proferiu algumas palavras regozijando-se pelo que estava feito, e esperando o futuro. Apresentou em seguida a Direcção do "Jardim Infantil" para o ano de 1940-41, que ficou assim constituída:

Presidente - D. Maria Luiza Tenreiro da Costa Macedo

Vice-Presidente - D. Maria da Graça Pinagre

Secretaria - D. Infância Maria Fernandes de Oliveira

Tesoureira - D. Manuel Amador Lage

Vogal ou Conselheira - D. Maria Alice Ferreira.

Encerrou a sessão, o Vosso Reverendo Pároco manifestando a sua alegria por este melhoramento na Paróquia e louvando o trabalho e zelo da Conferência Feminina de Nossa Senhora das Graças.

Durante a tarde as instalações do "Jardim Infantil" foram muito visitadas por associados aos quais a inauguração foi participada.

“Inauguração do Jardim Infantil

Têve lugar no dia 26 de outubro de 1970.

Presentes no ato:

O reverendo Prior de Algés, Senhor Padre Manuel dos Reis Escudeiro, o Senhor Padre Pedreira (o reverendo assistente), o Reverendo Assistente das Conferências Femininas da Sociedade S. Vicente de Paulo, as senhoras D. Maria Isabel Azevedo Meirelles e Sofia Toscano, do Conselho Central. A Direção da Conferência Feminina Nossa Senhora das Graças: Maria do Céu Barbosa, Maria Luiza Mendes Silva, Maria de Lourdes Braz Sousa, Maria Eliza Rodrigues Caldeira. A Presidente da Liga Independente Feminina Católica, D. Maria Cristina Reis de Sousa, e as Vicentinas D. Maria emília Jaubert Chaves, D. Laura Calado, D. Noémia Machado Silva, D. Maria Etekvina Fernandes de Oliveira, D. Maria da Piedade Alçada Padez, D. Zélia Passos de Almeida, D. Maria da Purificação Nogueira, D. Laura Guerra, D. Maria Amália Kuss Gomes, D. Maria Carolina Campos, D. Maria Isabel Taborda e Silva, D. Maria Teresa Antunes de Almeida, D. Yolanda Zuquete da Fonseca.

Depois de lançada a bênção pelo nosso Reverendo Prior, a Presidente da Conferência Feminina Nossa Senhora das Graças proferiu algumas palavras, regozijando-se pelo que estava feito e esperanças no futuro. Apresentou de seguida a Direção do Jardim de Infância para o ano 1970-71, que ficou assim constituída:

Presidente - Maria Luiza Temudo da Costa Macedo,

Vice-presidente - Maria da Graça Vinagre

Secretária - Maria Josefina Fernandes de Oliveira

Tesoureiro: Sr. Manuel Amador Lage

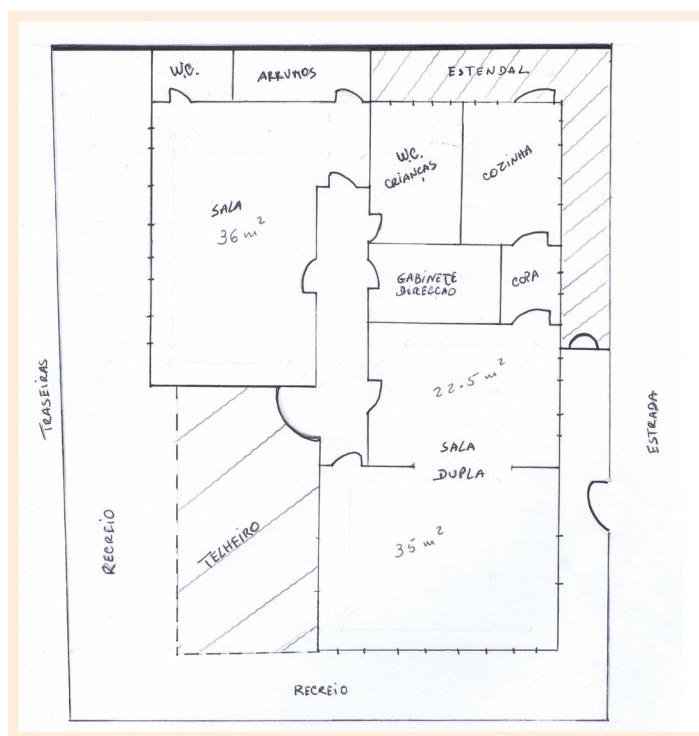
Vogal - Maria Alice Ferreira

Encerrou a sessão o nosso Reverendo, manifestando a sua alegria por este melhoramento na Paróquia e louvando o trabalho e zelo da Conferência Feminina Nossa Senhora das Graças.

Durante a tarde, as instalações do “Jardim Infantil” foram muito visitadas pelos Associados, aos quais a inauguração fora participada.”

O nome Jardim de Infância Nossa Senhora das Graças advém da proximidade física e afetiva à capela com o mesmo nome, já que era ali que as senhoras alimentavam a sua vida de fé comunitária e onde congregavam muitas das suas ações como Vicentinas. Mas não foi essa a primeira designação da instituição: Ajuda de Mãe foi o primeiro nome, dado o objetivo prioritário de se apoiar as mães pobres e os respetivos filhos.

Depois da grande empresa de erguer uma estrutura para acolher crianças em idade pré-escolar, estas senhoras confrontaram-se com as dificuldades de manutenção da instituição, nomeadamente o pagamento de salários. A mensalidade dos alunos variava consoante os rendimentos da família e, como a maioria dos meninos era oriunda de meios muito pobres, as contribuições eram escassas.



Para se conseguir do ponto de vista económico equilibrar as contas, a D. Maria Luísa fornecia a carne para alimentação dos meninos, duas vezes por semana. No início, tinham uma média de 15 crianças que permaneciam na mesma sala polivalente. Depois, quando o grupo cresceu, dividiram o espaço em duas salas. Não havia berçário, só recebiam crianças dos 3 aos 6 anos.

Equipe de trabalho
do J. de Infância e
respetivos Pais

Ano letivo 70/71

Esteb - educadora
Amélia - educadora
Elsa - cozinheira
D. M. de Jesus - presidente



De modo a contribuir para a sustentabilidade do projeto, as Vicentinas passaram a organizar periodicamente lanches solidários. As convidadas (Vicentinas e suas amigas e conhecidas) eram exortadas a levar algo para partilhar e a dar um contributo monetário como donativo para a obra. Esses lanches decorriam nas instalações do JI e eram célebres pela qualidade dos doces e outros petiscos, o que atraía um número grande de participantes, permitindo assim recolher fundos que garantiam o bom funcionamento da instituição.

Em 1970, contrataram uma educadora de infância, a Dra. Estrela, através do Ministério dos Assuntos Sociais, entidade responsável pelo pagamento do salário da funcionária.





4 25 DE ABRIL E A COMISSÃO . DE PAIS

Depois do corajoso pontapé de saída, nos anos 70, a instituição sedimentava a sua forma de atuação, com práticas pedagógicas e rotinas propícias ao desenvolvimento infantil, o que se traduzia em resultados positivos na educação das crianças e no bem-estar delas e das suas famílias. As Vicentinas mantinham-se vigilantes, mas o seu papel passava cada vez mais pelo financiamento da obra, deixando a sua operacionalização a cargo das funcionárias. Tinham algumas colaboradoras, recorrendo sempre que podiam a estagiárias, visto terem dificuldade em pagar salários. A educadora Estrela era das poucas com vínculo à instituição, sendo paga pelo Instituto de Assistência à Família.

Entretanto, dá-se o 25 de abril de 1974, a revolução que põe termo aos obscuros anos da ditadura em Portugal, através de um golpe de estado. Os estúdios da RTP no Lumiar foram um dos primeiros alvos tomados pelas tropas do Movimento das Forças Armadas (MFA), assim como as emissoras de rádio. Pouco depois da meia-noite do dia 25 de Abril de 1974, a canção foi transmitida na Rádio Renascença como sinal para confirmar o início da revolução, transformando-se em símbolo da revolução e do advento da democracia em

Portugal. Foi o Rádio Clube Português que nessa madrugada emitiu o primeiro comunicado informando que estava a acontecer uma revolução e que era intenção do Movimento não fazer correr sangue.

Salgueiro Maia saíra de Santarém com uma coluna de blindados que ocupou o Terreiro do Paço, em Lisboa. No quartel do Carmo, Marcelo Caetano e outros membros do seu Governo perceberam que não poderiam impor qualquer resistência e entregaram a rendição a António Spínola.

Foi então constituída uma Junta de Salvação Nacional, formada por António Spínola, que a presidia, Costa Gomes, Jaime Silvério Marques, Rosa Coutinho, Pinheiro de Azevedo, Diogo Neto e Galvão de Melo.

No dia seguinte, o país ficou a conhecer o Programa do MFA. As primeiras ações do novo governo foram determinar a demissão de Reitores e Diretores de Faculdades, de dirigentes políticos e militares ligados à anterior situação, extinção da PIDE, da Legião e da Mocidade Portuguesa e libertação dos presos políticos, enfim toda uma “razia” total ao regime anterior.

O 1.º de Maio de 1974 foi vivido com grande entusiasmo pela população que encheu as ruas da capital e de outras cidades e adotou o “cravo vermelho” nos canos das espingardas como símbolo da revolução.

Spínola, que tentava combater a tendência comunista dentro do MFA, foi designado Presidente da República pela Junta e chamou Adelino Palma Carlos para Primeiro-Ministro. Álvaro Cunhal, Sá Carneiro e Mário Soares foram outras das personalidades marcantes do primeiro Governo Provisório, numa tentativa de dar voz ao pluralismo ideológico dos vários setores políticos.

Porém, nem esse governo nem os que lhe seguiram conseguiram conter o descontrolo que se vivia nas ruas, com reivindicações constantes, greves, ocupações... Vivia-se um clima de anarquia, alimentado pelo vazio institucional e pela febre revolucionária.

Foi uma época de muito sonho, idealismo e luta.

No JINSNG, era já em 1974 a D. Manuela Theias quem estava à frente da gestão e foi ela quem teve de ajudar o pessoal a resolver os conflitos que foram surgindo. Viveu-se um período controverso, uma comissão de pais organizada por um encarregado de educação ligado ao MRPP reivindicava o afastamento da Direção formada por Vicentinas e a tomada da gestão da instituição.

Paralelamente, eram apontadas algumas exigências mais concretas. A D. Manuela Theias, enquanto membro da Direção, e a Educadora Estrela, como funcionária que lidava diariamente com os pais e ouvia as suas queixas e recomendações, tiveram um papel muito importante no apaziguamento dos ânimos. Não desvalorizaram a opinião de ninguém e deram ouvidos aos apelos dos pais. Um dos mais sonantes era a realização dos lanches solidários numa das salas do JINSNG. Embora fosse um importante meio de financiamento, os utilizadores estavam mais preocupados com o facto de, quer fizesse frio ou calor, o pessoal ter que ficar na rua com as crianças para a sala estar disponível. A Educadora Estrela fez pontes de lado a lado e ajudou os pais a perceberem os objetivos nobres da instituição, que subsistia devido ao esforço das Vicentinas. Por outro lado, teve de fazer ver à Direção que esses comportamentos teriam de mudar. Concomitantemente, a comissão de pais passou a chamar a si a elaboração da ementa da semana, prevendo a confeção de receitas fora do orçamento da instituição, sem se preocupar com o seu financiamento. Alguns pais estavam desempregados e faziam marcação cerrada, passando várias horas por dia na instituição, o que teve como consequência tomarem conhecimento das boas práticas pedagógicas e das dificuldades com que o pessoal se debatia diariamente, passando a ser aliados e não opositores.

Driblando o melhor que podiam a bola da mudança, as Vicentinas conseguiram novos subsídios, fizeram reuniões de pais para discutir assuntos e explicar as várias opções e passaram a fazer os lanches solidários na Igreja de Cristo Rei.

Transcreve-se parte de documento redigido nesse período conturbado que pretende esclarecer e apaziguar os ânimos:

“Pensámos fundar este Jardim para promoção da criança e auxiliar as mães que trabalham, no ano de 1967. Nos dois a seguir (...), a Câmara de Oeiras pôs à nossa disposição 2 salas do Palácio Ribamar para organizarmos o Jardim Infantil; pois nessa altura ainda seria mais urgente começarmos a tratar de arranjar as salas, mas passados 15 dias a Misericórdia de Oeiras tomou conta delas. Só mais tarde, em 1968, a Câmara de Oeiras nos cedeu novamente o actual terreno a título precário, onde conseguimos com muita dificuldade construir o Jardim Infantil que foi inaugurado no dia 26/10/1970. Começou a funcionar no dia 28 de Outubro com 8 crianças apenas, 6 rapazes e 2 meninas.

Começou com uma estagiária que estava a acabar o curso na Escola de Educadores de Infância de Lisboa, Jesus, uma vigilante, Graça Vinagre, e uma cozinheira, Elsa Neves.

A Direcção compunha-se de Maria Luíza Macedo, Maria da Graça Vinagre e Maria Josefina Fernandes de Oliveira. Mais tarde entrou o Sr. Lage como tesoureiro, mas esteve pouco tempo devido aos seus muitos afazeres, e por fim para o substituir entrou a Sra. D. Manuela Theias.

(...)

Como todos devem saber, nunca a direcção foi remunerada, pelo contrário, por vezes tivemos de ser nós a auxiliar.”

Ultrapassado esse período mais crítico, tudo voltou a entrar nos eixos: as Vicentinas continuaram sempre na Direcção e as crianças voltaram a ser o centro de todas as atuações.

No pós-25 de abril uma nova realidade social eclodiu em Algés, tal como no restante território nacional. Centenas de milhares de cidadãos de origem portuguesa e africana fugiam à guerra e instabilidade políticas das ex-colónias e instalavam-se em habitações precárias e degradadas na freguesia. Bairros como o de Santa Catarina, Santas Martas, Carapuça e a Pedreira dos Húngaros viram aumentar exponencialmente a população de origem africana, com todos os problemas sanitários, sociais e económicos associados.

Mais uma vez, as Vicentinas não fecharam os seus corações à voz dos pobres e dos desprotegidos e a instituição ganhou mais cor, acolhendo meninos de distintas origens e proveniências culturais e religiosas.



5 UMA COORDENADORA . PRESENTE

Todos os anos, as Vicentinas, dentre as quais se destacava a D. Manuela Theias, se empenhavam em melhorar as condições físicas da sua “escola”. No mês de agosto, o JINSG fechava e, além de limpezas profundas, eram levadas a cabo pequenas obras de reparação e pinturas, sob a orientação desta Vicentina.

O braço direito das Vicentinas era a educadora Estrela, que foi nomeada coordenadora pedagógica e se empenhou firmemente em contribuir no que estivesse ao seu alcance para proporcionar o melhor contexto educativo às crianças. Era da sua responsabilidade assegurar a existência e cumprimento do plano educativo e do projeto pedagógico, mas a sua atuação ia bem para lá das formalidades, preocupando-se com a situação concreta de cada criança e com as necessidades da instituição.

Graças ao esforço da coordenadora, conseguiu angariar verbas do Ministério dos Assuntos Sociais para substituir as redes que vedavam a área do JI, que estavam degradadas e permitiam a passagem das crianças para o exterior.

O número de crianças acolhidas foi aumentando e a reduzida equipa de duas educadoras e uma empregada de limpeza fazia das tripas coração, dividindo os meninos em dois grupos, que eram distribuídos pelas duas salas do pré-fabricado, e implementando as diversas atividades e cuidados ao longo do dia.

Enfrentando mais ou menos obstáculos, a Conferência Vicentina de Algés mantinha-se fiel ao seu carisma de ajudar quem precisa e dar às crianças o melhor conforto possível, sempre de acordo com a doutrina social da Igreja Católica. Os meninos eram educados de acordo com os valores da solidariedade, espírito de ajuda, fé e voluntariado. O regulamento de admissão no JINSG previa, como primeira prioridade de admissão, as famílias carenciadas, mesmo que não pudessem dar nenhum contributo para o financiamento da instituição.

A grande maioria das crianças eram pobres, mas no JINSG, apesar das dificuldades da vida, quer economicamente quer em termos de relações familiares, o bem-estar e as experiências pedagógicas tentavam colmatar as carências. Os meninos aprendiam de uma forma lúdica, eram muito bem tratados e, sempre que possível, a família era envolvida no processo de aprendizagem.

O material era pouco, de modo que era necessário dar corda à imaginação. As educadoras aproveitavam tudo o que podiam, levavam material de casa para reciclar, reutilizavam o que podiam... e as crianças, com a sua capacidade inventiva, faziam o resto. Os trabalhos dos meninos, os materiais de decoração das salas e as festinhas eram sempre um sucesso e do agrado de todos.

As rotinas do JINSG proporcionavam segurança e harmonia às crianças e os imprevistos eram sempre momentos de aprendizagem. As vivências e experiências fora do espaço escolar eram igualmente importantes. Por vezes, o dia estava bonito e o grupo estava com disposição de extrapolar os limites seguros da “escola”; então a educadora organizava com os meninos pequenos passeios e saídas informais. Eram ocasiões propícias ao alargamento de horizontes de algumas crianças que pouco mais conheciam do que os limites do seu bairro. Iam passear ao monte, no Alto de Santa Catarina, onde apanhavam

pinhas e folhas secas e observavam os bichinhos; iam ao parque do Palácio Anjos; visitavam as mercearias tradicionais, as sapatarias ou as modistas, de acordo com o tema que estavam a trabalhar; visitavam exposições e outros eventos culturais.

Faziam uma visita anual ao Aquário Vasco da Gama, deslocando-se a pé. Era um momento que todos adoravam e que marcou as memórias de infância de muitos deles! No verão, levavam as crianças à praia do Infante, na Costa de Caparica. Essas semanas eram extremamente importantes porque a maior parte das crianças não tinha a possibilidade de ir à praia com a família. A alegria e a liberdade que as crianças expressavam por estarem na praia, verem o mar, tomarem banho e brincarem na areia compensavam as cansaças da equipa, que tinha de se reforçar e pedir apoio a voluntários para poder proporcionar a atividade.

Quando havia oportunidade, iam ao teatro e ao circo. Sair da instituição e ir a espetáculos em Algués ou Lisboa era empolgante, proporcionando momentos que todos guardam com carinho. Noutras ocasiões eram os artistas a ir à “escola”. Dadas as restrições financeiras e a falta de recursos, aliados à logística de viajar com crianças tão pequenas, a equipa pedagógica optava por receber os artistas nas suas instalações, sempre que havia essa possibilidade.

Era frequente um artista já de alguma idade, originário de um país do Leste da Europa, levar ao Jardim de Infância espetáculos de ilusionismo muito divertidos e era sempre aplaudido com entusiasmo pelos assistentes. Costumava aparecer em anos alternados, até que entrou em período de doença. Era sempre extremamente cordial e, depois de mais uma atuação, ofereceu à coordenadora um paninho bordado típico do seu país, onde o seu povo costuma apresentar o pão quando chega uma visita a casa, adquirindo um valor simbólico.

Depois de algum tempo de ausência, um dia apareceu de chinelos de quarto deixando ver os seus pés muito inchados. Propunha-se fazer um espetáculo como em anos anteriores e a coordenadora temeu que ele já não fosse capaz, mas teve compaixão, percebendo que estava numa situação delicada e que

talvez fosse a sua última atuação. Decidiu proporcionar essa felicidade ao ilusionista e aos meninos.

Ele já fez tudo muito atrapalhado, mas os meninos gostaram tanto como das outras vezes. A pureza do olhar infantil centra-se no essencial e desacredita tudo o que é supérfluo. No fim do espetáculo, a equipa convidou-o para almoçar e a D. Manuela ofereceu-lhe frutas e outros bens de primeira necessidade. No dia seguinte voltou para retribuir o gesto, levando uma rosa de madeira com um frasquinho de perfume pequeno dentro de uma caixinha. Depois disso, nunca mais voltou a ser visto na “escola”, não mais tornou a roubar sorrisos das crianças com o mesmo à vontade com que tirava coelhos da cartola.

Estes intercâmbios e gestos de interajuda eram preciosas lições de cidadania e humanidade que indiretamente eram passadas às crianças, firmando os valores que moveram as Vicentinas a criar a instituição.

No natal, era sempre oferecido um pequeno presente às crianças numa festa simples que incluía lanche, uma peça de teatro ou um número musical e era aberta a toda a comunidade escolar. Vivia-se um ambiente de família.

A equipa pedagógica por vezes tinha também de lidar com situações caricatas. Acontecia chegar a hora do fecho e alguns meninos permanecerem na instituição. A coordenadora chegou a levar meninos ao Bairro dos Húngaros. Outras vezes, deixava o contacto pessoal na porta e levava-os para casa, dava-lhes o jantar e cuidava-os até os familiares aparecerem para os buscar.

Numa sexta-feira, a coordenadora pedagógica ficou com um menino bem para lá do horário de funcionamento. Ligou para o emprego da mãe e do pai, mas já tinha terminado o horário laboral. Em casa, não atendiam o telefone. Os pais ausentaram-se para fora da sua morada, havendo falha de comunicação entre eles por estarem divorciados e nenhum foi buscar a criança. O que é que havia de fazer? Assumiu a responsabilidade e levou o menino para sua casa. Ele tinha asma, o que causava preocupação à educadora Estrela, mas o fim-de-semana foi excelente, sem incidentes. Na segunda-feira, a mãe apareceu

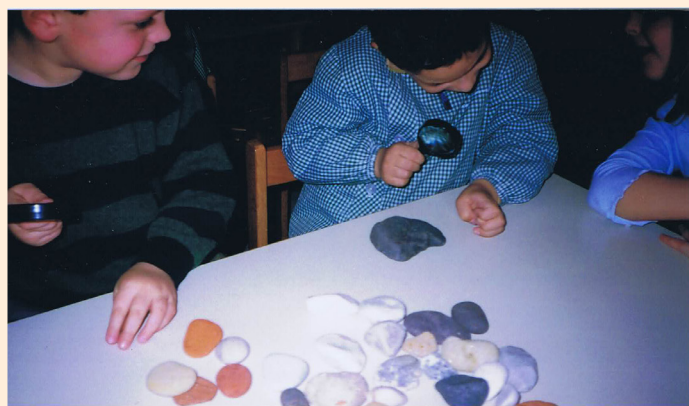
ao final da tarde para o receber e, quando a educadora lhe contou o sucedido, ela riu-se e reagiu com descontração:

- Que engraçado, passaste o fim-de-semana com a Estrela!

Embora tenha assumido desde cedo o papel de coordenadora pedagógica da instituição, acumulado com a ação direta, a educadora Estrela confessa que *o “meu papel foi sempre mais de caráter pedagógico, foi esse que me motivou e o que mais gostei de fazer. O trabalho com as crianças exigia muito de nós, reuníamos tarecos em casa, aproveitávamos materiais para podermos proporcionar-lhes atividades diferentes e enriquecedoras e também para decoração das salas. O nosso trabalho não se limitava ao espaço escolar, era em parte desenvolvido em casa, sobretudo o meu que, sendo coordenadora, tinha muito trabalho burocrático a realizar, que não podia ser desenvolvido na instituição por falta de tempo e oportunidade.”*













**RECORDAÇÃO
DA
MINHA
ESCOLA**



6. UMA INFÂNCIA FELIZ É O MELHOR QUE SE PODE DAR

No ano letivo de 1986/87, a educadora Helena fez estágio na instituição. Recorda-se que o edifício pré-fabricado tinha um espaço exterior pequeno, mas era vedado e tinha um telheiro nas traseiras, virado para o Palácio Ribamar, que nesses anos funcionava como escola preparatória. Mesmo que exíguo, esse espaço exterior era muito usado, proporcionando às crianças uma sensação de liberdade e abertura. A entrada consistia num pequeno corredor que também era aproveitado para brincadeiras. Da rua, ao avistar a escolinha, sempre limpa e asseada, a jovem estagiária tinha a ilusão de estar perante uma pequena vivenda de campo. No interior, havia uma sala maior, onde estava o grupo dos mais crescidos, outra mais pequena e uma cozinha. Como não havia refeitório, era na sala onde se faziam as atividades que se davam as refeições e depois do almoço as crianças deitavam-se na sala dos mais pequenos. Era um espaço polivalente, que requeria muita versatilidade e criatividade da parte da equipa, que ao longo do dia tinha de limpar, afastar mesas, colocar camas e reorganizar o espaço para as atividades da tarde. A escola teve uma cozinheira desde a sua abertura, que mais tarde saiu e, por

imposições legais, passou a ser uma empresa a fornecer as refeições sempre muito saborosas e apreciadas por miúdos e graúdos. A qualidade da alimentação na instituição foi uma marca transversal ao longo dos tempos.

A educadora Helena gostou da experiência, deu-se bem com as colegas e criou boa relação com as crianças. A sua vida seguiu em frente e arranjou emprego numa escola de Linda-a-Velha. Até que em 1991, a educadora Júlia, filha de Conceição Palmeira, também Vicentina, teve de deixar o JINSG e, como a Helena tinha causado boa impressão, foi convidada a substituí-la.

Segundo a Dra. Estrela, *“a educadora Helena foi um dos elementos com quem mais gostei de trabalhar. O seu sentido de responsabilidade, a assiduidade, o bom relacionamento com toda a comunidade escolar, o seu carácter afetuoso e a dedicação às crianças contribuíram para a valorização da instituição”*.

Nos primeiros anos, cada educadora estava sozinha com o seu grupo sem apoio de auxiliar. As crianças estavam divididas em dois grupos, o dos mais velhos e o dos 3/4 anos, cada um deles tinha uma educadora, responsável pelos cuidados de higiene e alimentação e pelo planeamento e desenvolvimento das atividades pedagógicas. A relação com os meninos fazia valer todos os esforços. Cada um na sua singularidade deixava uma marca no coração das educadoras: uns porque eram mais rabinos, outros mais ternurentos, uns muito independentes, outros constantemente a pedir colo... Numa coisa todos eram iguais: a sua dignidade de pessoas com potencialidades e com capacidade de amarem e serem amados. Era assim que a equipa olhava para eles: com os olhos do coração, aqueles que vislumbram sempre em primeiro lugar o amor. A partir desse pressuposto, tudo era possível. Podiam brincar livremente, ir ao jardim apanhar folhas para fazerem colagens, aprender a usar os talheres ou ensaiar uma canção para a festa de Natal. Havia um cuidado com as atividades que desenvolviam, que tinham sempre uma intencionalidade pedagógica, assim como com a aprendizagem subjacente, o crescimento pessoal e a relação com os outros. Fomentava-se a autonomia, o respeito mútuo, a interajuda, a boa disposição e a solidariedade.

As crianças adoravam ouvir histórias. Com uma concentração enorme, arregalavam os seus olhos, entreabriam a boca e embarcavam no mundo da fantasia. Voavam nas asas imaginárias de um dragão, penetravam em florestas onde os animais falavam, inquietavam-se com as madrastas e as bruxas más e respiravam de alívio quando finalmente a personagem principal saía de apuros. Todo um novo mundo lhes era oferecido dentro de um livro. Depois dessas aventuras sem saírem do lugar, faziam o registo da história e expressavam as suas opiniões e emoções.

Moviam-se dentro de determinadas regras estipuladas para o funcionamento da sala e era isso que permitia que as crianças soubessem os seus limites e aprendessem que a autonomia exige responsabilidade.

Num ano, para assinalar o dia do pai, foram a pé com as crianças à praia e apanharam seixos, escolhendo os mais perfeitos, e levaram-nos para a “escola”. Em sala, pintaram-nos para fazerem pisa-papéis, como oferta para os progenitores.

A Educadora Helena considera que teve uma infância muito feliz e é esse património que se esforça por proporcionar também a todas as crianças. *“Eu tive a felicidade de brincar muito e acho que isso me deu ferramentas para a vida, o mimo também é preciso. Folhear, mexer, tocar e experimentar é a minha filosofia pedagógica. Incentivo os meninos que comecem a fazer as coisas sozinhos de forma a que sejam autónomos para enfrentarem com coragem os desafios”*, explica ela.

Independentemente do ambiente doméstico ou do bairro onde moravam, ali as crianças tinham tempo para serem crianças: brincar muito e explorar o mundo, com regras e limites claros.

O bom ambiente, a vontade de trabalhar e resolver os problemas, a relação fluida entre a equipa e entre esta e as Vicentinas e as crianças foram a melhor publicidade que a instituição podia ter. Porque, como as abelhas são atraídas pelo néctar, as pessoas aproximam-se dos contextos que transmitem

alegria e harmonia. Não só os encarregados de educação estavam satisfeitos, como as entidades competentes (nomeadamente Segurança Social e Câmara Municipal de Oeiras) reconheciam o trabalho levado a cabo no JINSG. Além do mais, alguns professores primários frisavam que percebiam imediatamente quem eram as crianças provenientes do JINSG pela sua boa preparação pedagógica.

Assim, a capacidade máxima de acolhimento de crianças era 45, 25 na sala dos mais velhos e 20 na dos mais pequenos. Porém, a procura era sempre superior e, se houvesse o dobro da capacidade, provavelmente seria lotada.

As Vicentinas não tinham um papel tão ativo na gestão diária da instituição, mas mantinham-se atentas e contribuíam para o seu bom funcionamento, colmatando necessidades financeiras e contribuindo para o melhoramento das instalações e seu equipamento e também ajudando a resolver problemas de outra ordem.

O JINSG fora reconhecido como IPSS, o que permitiu ter um apoio regular da Segurança Social e assim dar mais estabilidade ao projeto.

Durante os anos 90, a Câmara Municipal de Oeiras empenhou-se fortemente na remoção de barracas e outras habitações precárias do concelho e no realojamento dos seus habitantes. Essa medida fez com que lentamente os usuários do Jardim de Infância fossem cambiando, à medida que os bairros mais degradados iam desaparecendo e os seus moradores foram viver para outras freguesias do concelho. Começaram a entrar outras crianças menos carenciadas, cujas mensalidades permitiram ir equilibrando as contas da instituição. Também o intercâmbio entre meninos de diferentes estratos sociais, culturas de origem e religiões enriqueceu as experiências pedagógicas.









7 FAZER OMELETES . SEM OVOS

Em 1998 a educadora Helena estava prestes a ser mãe e foi necessário ser temporariamente substituída. Nessa altura, a equipa pedagógica era constituída apenas por três pessoas: duas educadoras e uma auxiliar. Com a entrada da auxiliar Dulce, passaram a ser quatro, mas por muito pouco tempo, visto que a educadora Helena só teve meio dia para passar as orientações à colega. O filho da Helena resolveu nascer logo no dia seguinte, ela entrou de licença de maternidade e a auxiliar, ainda sem experiência letiva, viu-se sozinha com um grupo a seu cargo, com o apoio da educadora Estrela. Com espírito temerário, enfrentou a tarefa de mangas arregaçadas e o resultado foi muito bom. Conquistou desde logo a simpatia das colegas e a atenção dos pequenos. Teve muita ajuda da coordenadora e foi ganhando confiança em si e na sua capacidade inata de lidar com crianças.

Ao longo dos anos, com as colegas, aprendeu muitas coisas. A área das expressões plásticas tornou-se a sua preferida e uma das técnicas que achou mais original e engraçada foi a utilização de cascas de ovos em colagens e pinturas. A preparação da atividade trazia uma mais-valia acrescida porque

envolvia os encarregados de educação, que guardavam as cascas dos ovos e as levavam para a escola.

Todos os dias, as crianças iam brincar no exterior, inclusive quando chovia.

O telheiro era providencial. O espaço era pequeno, mas limpo e asseado. Toda a gente fazia de tudo um pouco. Enquanto auxiliar, a Dulce tinha a tarefa de separar as refeições pelos pratos das crianças e distribuí-las pelas crianças, mas todas lavavam a loiça e mesmo o chão ao fim do dia, se a empregada de limpeza faltava. Durante alguns meses, para suprir a falta de pessoal, a D. Manuela Theias propôs à auxiliar Dulce trabalhar das sete da manhã às sete da noite, fazendo a abertura e o fecho da instituição, com pagamento suplementar, e ela aceitou o desafio temporariamente. Tal como acontecera com a educadora Estrela, também chegou a levar crianças para jantar em sua casa, devido a falhas de comunicação entre uma mãe e uma avó.

Para a auxiliar Dulce, *“era um ambiente muito bom, éramos uma família, todas muito cúmplices, foi um tempo fantástico”*. Um menino continua na sua memória pelo seu temperamento. Ora se encolerizava de tal forma que o tom violeta das suas veias sobressaía debaixo da sua pele muito clara; ora estava bem-disposto e contava anedotas que punham toda a gente a rir. Nos primeiros tempos, atrapalhava-se quando alguma criança se magoava, mas a experiência é sempre boa conselheira e a auxiliar aprendeu que manter-se calma é meio caminho andado para dominar a situação e ajudar a resolver o problema, com a orientação das educadoras mais experientes a lidar com esse tipo de situações.

Ela tinha um filho pequeno que, anos mais tarde, veio a frequentar o JINSG e teve a Helena como educadora. Mais tarde, o seu segundo filho também passou pela “escola” da mãe.

Todas as antigas funcionárias guardam recordações boas da D. Manuela, pelo seu empenho constante e o seu espírito solidário. Com o seu sotaque nortenho, gostava sempre de cumprimentar as crianças:

- Olá meninos! Estão bons, meninos?

Outras Vicentinas a ajudavam e colaboravam em tudo o que fosse preciso, iam assinar cheques ou resolver outros assuntos, mas quem vivia de corpo e alma para a instituição era a D. Manuela Theias.

Nem sempre havia dinheiro e as funcionárias chegaram a ter salários em atraso, mas as colaboradoras não desanimavam porque sabiam que tinham na retaguarda as Vicentinas e a verdade é que elas chegaram a pôr do seu próprio dinheiro quando não havia outra solução para regularizarem as contas.

A auxiliar Dulce lembra com nostalgia as idas à praia. Tudo era desafiante e por isso mesmo mais empolgante. O autocarro não tinha as atuais exigências de segurança rodoviária e nem sempre se viajava nas melhores condições. O mais importante era proporcionar às crianças momentos de pura descontração em contacto com a areia, o sol e a água salgada. E mais uma vez a equipa fazia omeletes sem ovos, recorrendo a amigos e familiares para poderem ter voluntários que ajudassem nas idas à praia e as Vicentinas, por seu lado, financiavam a inscrição de alguns meninos mais pobres que de outra maneira não teriam acesso à praia.

Quando regressavam da praia, a equipa pedagógica limpava os meninos, varria as salas, fazia a distribuição do almoço e tratava de outros afazeres ligados à prática.

No mês de agosto, a “escola” fechava. Reabria depois no primeiro dia útil de setembro, sendo necessário que a equipa no fim de agosto fosse limpar e arrumar as salas para poderem receber as crianças.

A equipa era coesa e sempre que um elemento faltava os outros não se poupavam a esforços para que tudo corresse dentro da normalidade.

Mais tarde, entrou outra auxiliar para a equipa e depois outra educadora e o quadro de pessoal estabilizou, com recursos humanos suficientes para fazer face às necessidades.

“É muito bom quando se gosta do que se faz, é o melhor na vida, suporta-se melhor do que se não tivéssemos motivação. Acho que foi por isso que conseguimos ultrapassar tantos desafios. Se isto está em pé é muito devido ao nosso esforço”, garante a auxiliar Dulce.

O interessante no trabalho das Vicentinas e na história desta instituição em concreto é perceber que o carisma pode ir passando de mãos em mãos e que, mesmo na sombra, se pode continuar a alumiar muitas vidas, através da persistência, da abnegação e da fé. Ainda que depois da energia do arranque, as Vicentinas tenham colocado nas mãos da equipa a gestão diária da organização, continuavam moralmente presentes, resolvendo questões, aguentando embates, angariando fundos, fazendo peditórios, amparando em casos concretos e transmitindo força e esperança.

Durante um fim-de-semana, a coordenadora pedagógica foi informada que uma criança do JINSG fora diagnosticada com meningite. Esse menino curiosamente tinha estado ausente com um familiar, porém tinha um irmão que continuara a ir ao Jardim de Infância, de modo que podia ter transportado consigo o agente transmissor da doença. Com o apoio da D. Manuela, a coordenadora dirigiu-se imediatamente para a instituição, telefonou para todos os pais e fecharam a escola. Na segunda-feira de manhã, entraram em contacto com o Delegado de Saúde, que confirmou que não deviam deixar entrar nenhuma criança e que se deveriam proceder a trabalhos de desinfeção da instituição. Agências noticiosas souberam do sucedido e apareceram no JINSG. Tudo estava a decorrer seguindo rigorosamente as indicações do Delegado de Saúde. A coordenadora, que estava na escola para informar os pais que não haviam conseguido contactar telefonicamente que não podiam deixar as crianças, deu uma breve entrevista, muito clara e tranquilizadora, que foi transmitida nos órgãos de comunicação da RTP e jornais. Não houve mais casos, o menino recuperou a sua saúde e tudo acabou bem.







8 O CARISMA DA D. MANUELA . THEIAS

Qual formigueiro bem organizado, as Vicentinas eram empenhadas e faziam um trabalho quase invisível, mas que não era insignificante. Pelo contrário, faziam a diferença na vida de muitos pobres.

A Presidente D. Manuela Theias seria a formiga-rainha, a que dava a cara e que colocava toda a organização em funcionamento. Mas o papel das outras Vicentinas não era de menor importância. A D. Violete, por exemplo, tinha a tarefa de percorrer as casas das senhoras associadas para receber as respectivas quotas mensais. Cada Vicentina comprometia-se a contribuir com duas quotas: uma para o JI e outra para a Conferência, visto que continuavam a apoiar centenas de pessoas, doando alimentos, roupas, material escolar, medicamentos e pagando contas. Quando reunia o dinheiro das quotas do JI, a D. Violete ligava à D. Manuela Theias, comunicando que podia ir recolher a verba.

A D. Violete lembra-se de lhe ter passado pelas mãos um cheque da Conferência de 100.000\$ (cerca de 500 Euros) para resolver os problemas financeiros do JI. Quando havia uma situação de aperto, a solução acabava por surgir com a generosidade de muita gente.

Por essa altura, o número de Vicentinas tinha reduzido drasticamente e as que permaneciam tinham, na sua maioria, idade avançada, problemas de saúde e manifestavam algum desinteresse. Nesta altura, a Dona Manuela Theias, reconhecendo competência na coordenadora Estrela na gestão de assuntos de carácter pedagógico, pediu-lhe auxílio no sentido de motivar amigos e familiares para angariarem sócios para futuramente serem recrutados para os corpos sociais.

A coordenadora Estrela, que até então não conhecia profundamente as competências e funções dos órgãos sociais, estatutos e outros documentos institucionais, o que a levou a esclarecer-se sobre o assunto e, apesar de viver um problema de saúde com alguma gravidade, não se poupou a esforços para dar todo o apoio à Presidente. Juntas lutaram por uma solução que respondesse aos anseios dos colaboradores e utentes.

O problema maior, porém, não foi financeiro. Do ponto vista económico e financeiro, o JINSG conseguira um certo equilíbrio. Inicialmente não se orientavam pelas tabelas da Segurança Social para pagar às funcionárias e os aumentos faziam-se quando se podia, mas em 2004 a situação melhorou e tudo estava em dia e os direitos de toda a gente estavam garantidos. Graças a um apoio mais regular da Segurança Social, respirava-se finalmente de alívio depois de muitos anos de sufoco financeiro. Foi necessário as educadoras fazerem um complemento de formação e por esse motivo foi feito um reforço da equipa, pelo que nessa altura eram cerca de seis pessoas a laborar no JI.

Todavia, a partir de 2004, começaram a circular rumores de que a instituição poderia ter de fechar.

Por um lado, a Câmara Municipal de Oeiras, que se empenhara em acabar com a habitação precária no concelho, não via com bons olhos a existência de um barracão pré-fabricado no coração de Algés, tanto mais que tinha telhado de amianto, que hoje se sabe ser extremamente prejudicial para a saúde.

Por outro, as exigências legais para o funcionamento de equipamentos so-

ciais para a infância foram-se tornando cada vez mais apertadas. A Segurança Social começa a não reconhecer na instituição condições para funcionar segundo as novas exigências (não obstante continuasse a reconhecer o seu valor pedagógico). Os fatores mais preocupantes eram a falta de espaço interior e exterior.

Quando os murmúrios deram lugar a cartas e a documentos oficiais, foi preciso tomar uma posição. Viveu-se um período controverso porque houve elementos da Direção que sentiam que o JI já tinha cumprido a sua missão e poderia fechar e quem preferisse ir à luta e acreditasse que um novo futuro era possível.

Sentiam alguma pressão para abandonarem o local onde sempre funcionara o JI, inclusivamente por grupos locais que se instalaram no Palácio Ribamar e alegavam que o barulho das crianças no recreio incomodava e que o edifício dava mau aspeto à localidade.

A coordenadora pedagógica Estrela, com 30 anos ao serviço da instituição, quis movimentar-se para que o JI não fechasse. Movia-a o desejo de não ver morrer uma obra que com tanto esforço ajudara a levantar e que tão bons frutos tinha dado e paralelamente o interesse de ela e as suas colegas não ficarem desempregadas.

A D. Manuela, a D. Custódia e a D. Violete foram sempre muito empenhadas na procura de soluções para que a instituição não fechasse e as funcionárias não ficassem sem emprego.

O trabalho pedagógico que a equipa foi desenvolvendo ao longo de 35 anos era reconhecido pela assistente social da Segurança Social. Essa técnica garantiu que, dado o desempenho e o ótimo trabalho pedagógico que conhecia, daria as melhores referências a quantos delas necessitassem para a procura de novas soluções.

Com vista à obtenção de um novo espaço para a instituição, a coordenadora pedagógica agendou uma reunião com o Presidente da Câmara de Oeiras.

Ficou a saber que o executivo planeava construir um equipamento para a infância que poderia ser cedido ao JINSG, no entanto não havia certezas ainda, visto haver outras instituições necessitadas no concelho.

Orientadas pela coordenadora, a D. Manuela, a D. Violeta e a D. Irene dirigiram-se às instituições, redigiram cartas e projetos, fizeram contactos, assinaram documentos, reuniram com diversas entidades. Tinham de ser os membros da Direção a levar a cabo as formalidades e foram incansáveis, contudo os impulsos e as ajudas chegaram de muita gente.

Depois de muitos esforços e de alguns momentos de desalento, finalmente tiveram a garantia de que a Câmara construiria um edifício de raiz, totalmente de acordo com as orientações vigentes, que seria cedido em regime de comodato à Associação Jardim de Infância Nossa Senhora das Graças.

A Presidente, D. Manuela Theias, rainha do formigueiro Vicentino de Algés, teve um papel que importa destacar pelo seu carisma e dedicação incansável. Sobretudo por ter tido um coração que palpitou perante os problemas dos que a rodeavam. Pensando em primeiro lugar nas crianças e nas funcionárias, lutou pelos seus interesses empenhadamente, podendo mesmo ter deixado para segundo plano os outros sócios e as suas opiniões. É descrita como uma pessoa com um espírito prático e um coração generoso, que punha as pessoas antes das formalidades.

Como Presidente, teve de fazer assinaturas e de percorrer diversos serviços e entidades oficiais.



9. UMA NOVA ESCOLA

A 15 de Junho de 2007, o novo edifício substituiu oficialmente o antigo e aumentou as valências que a instituição oferecia, passando a ter também Creche e Berçário. O Protocolo assinado com a Câmara Municipal de Oeiras confere à Associação Jardim de Infância Nossa Senhora das Graças, a gestão do edifício pertencente à CMO, em regime de comodato. O edifício, situado junto aos Bombeiros Voluntários de Algés, com uma área bruta de cerca de 890 m², é constituído por dois pisos superiores, onde funciona a instituição e mais quatro subterrâneos, funcionando como parque de estacionamento. Algés carece de zonas de estacionamento localizado, sendo que esta estrutura visa colmatar duas deficiências locais: apoio educacional aos munícipes mais jovens e de estacionamento numa zona exígua e de profundas carências de espaço.

As novas instalações passam a contar com dois andares, que albergam o Jardim-de- Infância no rés-do-chão e a Creche no primeiro andar. O Jardim-de-Infância, com capacidade para 50 crianças, dispõe de duas salas de atividades, uma sala de prolongamento de atividades ligada ao refeitório, assumindo-se como sala polivalente, casa de banho com fraldário e duche, co-



O momento em que inauguramos mais um estabelecimento de infância é um momento de alegria e de regozijo para a Autarquia e para toda a comunidade de Oeiras.

Temos vindo a construir um concelho para todas as idades, em que as crianças têm merecido um olhar atento da nossa parte, pelo que representam em termos de projecção do futuro da sociedade. Nessa linha, o alargamento da rede de Creches e Jardins de Infância constitui uma parte da política da Câmara a favor da Infância e traduz o nosso contributo para o desenvolvimento das gerações mais novas, para a promoção da igualdade de oportunidades e para o apoio às famílias ao nível da educação e da conciliação entre a vida familiar e profissional.

A Creche e Jardim de Infância N.º 5ª das Graças vai ser um espaço de vida, de alegria, de aprendizagem; um espaço onde as crianças aprendem a conhecer-se, a conhecer o outro e o mundo que as rodeia; um espaço onde, estamos certos, serão felizes!

O presidente da Câmara

Isaltino Morais



Investimento total - 2.500.000 ?
Construção co-financiada - CMO e Programa Comunitário PROQUAL
Equipamento mobiliário participado pela CMO

Além de respeitar todas as exigências legais e funcionais, o equipamento possui uma zona de recreio cuidada e pensada no bem estar das crianças, no seu crescimento harmonioso; por isso, as zonas de recreio estão apetrechadas com molas que estimulam a alegria, criatividade e socialização. Apesar da sua localização junto a um acesso à CRL, todos os cuidados foram assegurados ao nível do conforto ambiental e segurança.

A gestão do equipamento será da responsabilidade do "Jardim de Infância Nossa Senhora das Graças", Instituição Particular de Solidariedade Social com quem a Câmara Municipal de Oeiras estabelecerá um protocolo de cedência das instalações.



Este equipamento vem substituir o Jardim de Infância com idêntica designação a funcionar em Algués, há 27 anos, num pré-fabricado junto ao Palácio Ribamar. A capacidade total de acolhimento é de 90 crianças entre os 4 meses e os 5 anos. Implantado junto aos Bombeiros Voluntários de Algués, tem uma área bruta de cerca de 650 m² e é constituído por 2 pisos e espaços de recreio ao ar livre.

Jardim de Infância - R/cho do edifício

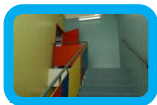
Capacidade: 50 crianças

Constituição: 2 salas de actividades; 1 sala de prolongamento de actividades ligada ao refeitório constituindo-se como uma grande sala polivalente, cozinha e administração.

Creche - 1º andar do edifício

Capacidade: 40 crianças

Constituição: 2 salas de actividades; 1 sala de repouso, 1 sala de berços e uma sala parque ligadas entre si. Dois grandes terraços permitem actividades de ar livre em ambiente de grande segurança.



CRECHE E JARDIM DE INFÂNCIA N.º 3 DAS GRAÇAS



zinha, lavanderia, administração e um grande recreio com várias zonas de brincadeiras e atividades, incluindo jardim e uma horta pedagógica que permite às crianças novas explorações, de forma segura e agradável. A creche tem capacidade para 48 crianças, três salas de atividades, um berçário e uma sala parque, todas interligadas. Dois grandes terraços permitem atividades ao ar livre. Todas as salas têm boa iluminação natural e artificial, água corrente e aquecimento central. Estão também munidas de mobiliário adequado assim como de material didático, lúdico e de desgaste.

As mudanças foram exigentes e preparar os novos espaços foi uma grande excitação. As crianças adoraram a mudança e as profissionais andavam ansiosas para que tudo ficasse em ordem e não se perdesse o ambiente familiar que sempre caracterizara a instituição.

A educadora Estrela continuava a ser a coordenadora pedagógica e enfrentou o desafio de recrutar e preparar quase o dobro dos recursos humanos, de modo a poderem estar à altura das exigências da nova capacidade da instituição.

Continuaram a imprimir no que faziam carinho e amor, o principal nutriente de qualquer jardim humano. Quanto à horta e aos jardins exteriores que agora tinham ao dispor, foram tratados por graúdos e miúdos com muita dedicação e passaram a fazer parte dos projetos pedagógicos da instituição! As crianças comem as alfaces que trataram, partilham os morangos, oferecendo-os aos meninos das salas da creche que ainda não têm capacidade para cultivar. Com a nova valência, tentou-se desde o início que houvesse intercâmbio entre a creche e os mais crescidos. Incentiva-se a criatividade das crianças, a experimentação e a liberdade com autonomia. O espaço ajuda, mas a ambiência e deixar que as crianças sejam crianças e se sintam em segurança, com possibilidade de se mexerem e explorarem o mundo, continua a ser a espinha dorsal do JINSG.









10 LUFADA DE AR .FRESCO

Depois de uma vida de entrega aos outros e dedicação a projetos sociais, a D. Manuela Theias faleceu em 2009. A instituição homenageia-a com gratidão por tudo o que deu em prol deste projeto!

Nesta sequência, houve a necessidade de substituir a Presidente. A nova Presidente, Doutora Hortelinda Amador, que não contava com esta situação, fez no entanto tudo o que estava ao seu alcance para manter a estabilidade da instituição e assegurar o seu bom funcionamento.

No entanto, a sua falta de disponibilidade e circunstâncias várias, entre elas a manifesta vontade e legitimidade de antigos sócios e Vicentinas de assumirem de novo um papel mais ativo na instituição, levaram a pedir a sua exoneração.

Uma nova Direção lhe sucedeu. Passou a ser Presidente o Sr. Padre Daniel, pároco de Algés, secretária a Dra. Aldina e tesoureiro o Sr. Janela. Juntamente com os restantes corpos sociais, trouxeram novo fôlego e dinamismo à Associação. Quiseram dar continuidade à obra, prosseguindo nos valores da

Igreja e em toda a linha caritativa e carismática, não esquecendo a origem do projeto e toda a sua história até àquele momento.

Esta mudança aconteceu num momento em que havia alguma inquietude entre os sócios, depois de toda a exigência relacionada com as mudanças de instalações que levava a que a D. Manuela Theias tivesse sido pragmática, deixando para segundo plano questões de gestão de sócios.

Foi reposta a legalidade, fizeram-se convocatórias aos sócios, organizaram-se assembleias e eleições e motivaram-se todos os intervenientes para a participação ativa na vida institucional.

A Dra. Aldina e a esposa do Sr. Janela iniciaram no JINSG o projeto Despertar da Fé, onde se passavam às crianças os valores da Igreja. Com autorização dos pais dos mais velhos, primeiro a D. Dulce, esposa do Sr. Janela, professora e ligada à instituição, e depois a Dra. Aldina falavam de Jesus de forma muito leve, de Maria, de Deus e de outros temas que se mostravam pertinentes. Foi montada uma capelinha onde os meninos entravam, discutiam temas, entoavam cânticos e faziam pequenas celebrações como a procissão com Nossa Senhora de Fátima no dia 13 de maio. Nada era imposto ou exigido. Mais tarde, entrou um professor de religião e moral, para dar continuidade ao Despertar da Fé. Foi um aspeto muito importante, funcionando como um patamar de entrada na catequese, transmitindo valores diretamente ligados ao carisma vicentino.

Na verdade, esse carisma sempre foi transmitido ao longo dos tempos, embora não houvesse um espaço próprio para o efeito nem se desse nome ao projeto. Consoante os temas que eram abordados, exploravam-se questões de cidadania, fé e solidariedade.

Segundo o Sr. Janela, a primeira base era trabalhar segundo a praxis de São Vicente de Paulo e do fundador das vicentinas, Frederico Ozanam. Dar apoio às crianças desvalidas segundo os princípios da Igreja Católica tinha de ser sempre o principal objetivo, mesmo num tempo em que a instituição era

frequentada por crianças na sua maioria provenientes de classes sociais mais favorecidas.

“Nós nas reuniões dizíamos que isto é uma ação de esforço conjunto entre Direção e a Coordenadora. Havia mais de 20 mulheres para coordenar e esse trabalho era difícil. O papel da Educadora Estrela foi fulcral ao longo de todo este tempo!

É preciso haver concórdia, saber os porquês das coisas, as questões que elas levantavam e resolver tudo para se ir para a frente. É este trabalho entre uma coordenadora e a direção que é preciso fazer, mesmo com os pais, num trabalho conjunto. Para liderar, é preciso motivar”, testemunha o Sr. Janela.

No final do primeiro mandato, houve eleições e a Dra. Aldina passou a ser a Presidente da Direção. *“Somos pessoas de formação católica, eu andava na barriga da minha mãe e já amava Jesus. Todo este relacionamento é favorável e a escola é isso, a direção, a parte pedagógica com colaboradores e pais e as crianças sempre no centro. Tudo ali tem de funcionar”,* relata a Dra. Aldina.

Durante esse período, também se deram algumas situações mais alarmantes, nomeadamente um alerta de meningite. Foi necessário contactar o médico e, como não foi possível, a Dra. Aldina disponibilizou-se para o procurar no hospital. Entretanto, foi necessário que a coordenadora e a chefe dos serviços administrativos se dirigissem para a instituição para comunicarem a todos os pais o que estava a acontecer. Foram tidos em conta todos os procedimentos estipulados no regulamento interno, o delegado de saúde não achou necessário fechar a escola e tudo acabou sem problemas de maior.

Também aquando do surto de Gripe A, foi acionado um plano de emergência, elaborado em tempo record pela chefe dos serviços administrativos, Luísa Ribeiro, com o auxílio da coordenadora. O delegado de saúde, a convite da coordenadora, foi falar com os pais e tranquilizá-los, informando que a instituição estava a agir em conformidade com as medidas preconizadas e elogiando o plano elaborado.

11 VIDAS MARCADAS PELO JINSG: .EX-ALUNOS

As funcionárias de longa data têm podido comprovar amiúde a qualidade dos frutos das sementes que lançaram. Já passaram pelo JINSG filhos de ex-alunos; com outros ex-alunos mantêm contacto frequente e há ainda aqueles que por vezes encontram casualmente e as reconhecem.

Numa ida ao supermercado, a educadora Helena foi chamada por uma funcionária, que lhe disse:

- Espere um momento!

Saiu a correr e voltou com o rapaz do talho, dizendo que fora seu ex-aluno.

- Ai, como tu estás! Andei contigo ao colo!

Professores, advogados, cozinheiros, empregados de balcão, muitas foram as vocações seguidas pelos meninos que receberam o mimo destas funcionárias.

É o papel de uma escola que se afirma como um espaço de ideias que sonham e que fazem a diferença: a inclusão, a equidade, a igualdade e respeito por cada criança e grupo são fatores centrais e determinantes para o sucesso.

Quando a Beatriz ingressou no JINSG em 2004, ainda não havia expectativa em relação à mudança de instalações. A sua mãe passava diariamente nas instalações para ir trabalhar e parecia-lhe que o JI tinha um ambiente muito familiar e acolhedor, talvez por ser pequeno. Não tinha muitas condições físicas, mas o carinho que se dava lá dentro transparecia no cuidado prestado às crianças e a instituição foi ganhando fama. Tornou-se património imaterial de Algés.

Quando engravidou, Carla começou a procurar colégios e uma amiga falou-lhe de um serviço da Segurança Social, ao qual recorreu para encontrar uma ama. A Beatriz ficou ao cuidado de uma ama em Linda-a-Velha. Quando ainda não tinha completado os dois anos, a psicóloga da Segurança Social considerou que a menina estava bastante desenvolvida, até porque já não usava fralda, e que devia transitar para o Jardim de Infância. Fizeram a candidatura e conseguiram vaga no JINSG.

Aqui fez todo o percurso até aos 5 anos, sem qualquer incidente ou descontentamento, excetuando as peripécias normais da infância. Telefonarem um dia à mãe para ir buscar a pequena porque um colega lhe dera uma dentada nas costas e ficara inconsolável. Mais grave foi quando ela, a tirar um gancho do cabelo do bibe, cortou a córnea e a mãe teve de ir com ela de urgência para o Hospital Egas Moniz.

No dia dos namorados apareceu em casa com uma rosa que um menino lhe ofereceu. Doutra vez, recebeu um anel enorme que um amigo surriprou à mãe para lhe dar. O rol de ofertas da Beatriz não ficou por aí, ainda teve direito a uma caixinha verde, cortesia de outro menino. Pode-se dizer que a menina anda a partir corações desde que começou a socializar!

Saíam frequentemente das instalações, passeavam à volta da instituição, iam conhecer o meio envolvente e por vezes passavam na loja onde trabalhava a mãe da Beatriz!

Em sala, brincavam, faziam colagens e diversas outras atividades que favoreciam o desenvolvimento da criança em todas as áreas, tomavam as refeições

ções, faziam a sesta em colchonetes azuis e viam filmes à tarde, entre muitas outras atividades.

Os pais sabiam sempre o que as crianças tinham feito e consultavam à entrada da sala a programação de atividades semanal.

Quando mudou para as novas instalações, no seu último ano, a mãe tinha dificuldade em ir buscá-la dentro do horário de funcionamento, pois fechava a loja às sete, tal como o JI. Valia-lhe a simpatia do senhor Gaspar, que ficava sempre à espera que a mãe chegasse. A essa hora, já só se encontrava ele e a coordenadora, que aproveitava para resolver assuntos burocráticos.

Nas novas instalações já havia mais atividades, potenciadas pelas novas condições. A Beatriz estava na sala das cenourinhas, outra era a dos moranginhos, nomes que revelam a proximidade dos meninos à horta e a possibilidade de mexerem na terra, uns plantando cenouras e outros morangos. Foi também nesse ano que no carnaval fizeram um desfile com os meninos da sua sala mascarados de cenouras. Cada família preparou o seu fato, deu muito trabalho fazer uma cenoura com espuma, mas foi importante o envolvimento de todos nessa atividade. Estimular a interação com a família era de facto um objetivo da instituição.

A ex-aluna recorda-se com especial carinho da visita a uma quinta pedagógica e da festa de fim de ano, com direito a cartola, onde protagonizaram um número de hip hop, modalidade que despertou em Beatriz enorme interesse.

A Beatriz foi aluna da educadora Helena, de quem guarda gratas recordações. Também a Filipa, a Carla, a Dulce e a Ana João marcaram de forma positiva a sua infância, de modo que ainda mantêm contacto.

A educadora Estrela, o marido e a filha também se mantêm próximos, visitando-as por vezes.



VIDAS MARCADAS PELO JINSG: VICENTINA .D. VIOLETE

Depois de terem visto o seu grupo drasticamente reduzido, as Vicentinas de Algés alegram-se com a entrada de novos membros que proporcionam um renascimento e são sinal de esperança.

As mais velhas, como a D. Violete e a D. Irene, passam testemunho do seu modo de atuação e do espírito que as inflama e as inclina em direção ao próximo, àquele que clama por justiça e solidariedade.

A D. Violete explica que *“o nosso trabalho hoje é diferente, há outro tipo de carências. Há a pobreza envergonhada. Os idosos estão muito sós, precisam de quem os ouça, sobretudo, mas se carecerem de roupa e medicamentos também lhes entregamos esses bens.*

Há muitos emigrantes cabo-verdianos e brasileiros que vêm sem nada e nós arranjamos-lhes roupa, apoiamos na procura de trabalho, ajudamos no pagamento das rendas de casa, água, eletricidade e outras contas.

Nas reuniões temos um saco para a coleta, há subscritores que pagam uma quota e um benfeitor que nos doa mensalmente 150 euros. Fazemos

ainda os peditórios no fim das santas missas dominicais para assim podermos fazer face às despesas das pessoas que apoiamos.”

Sentem que, depois de tanto investimento das Vicentinas, o Jardim de Infância hoje já é independente e consegue ter uma gestão financeira sustentável. Podem assim dedicar-se a outros casos de maior necessidade.

Para esse efeito, foi adquirido pela AJINSG um espaço no centro de Algés para que as Vicentinas possam aí promover vendas solidárias, receber pessoas e organizar bens para doação. Como a instituição tem um cariz caritativo de apoio às famílias mais desfavorecidas, em determinado momento passou a haver margens financeiras que permitiram à associação adquirir este espaço para apoiar as famílias. Ali se organizam roupas, calçado e outros artigos doados, se recebe o banco alimentar e se promovem eventos solidários, como a venda de natal, onde se vendem produtos e se converte o produto das vendas em cabazes com bacalhau, azeite e outros artigos para a ceia de natal de muitas famílias. O espaço está aberto às terças e quintas-feiras e é uma parceria que envolve a AJINSG, o Centro Social e Paroquial de Algés e as Vicentinas. Há um regulamento de funcionamento desse espaço que estipula quem são os parceiros e respetivas responsabilidades e uma comissão de três pessoas para a gestão do equipamento.

A Conferência de São Vicente de Paulo em Algés criou raízes e deu bons frutos!

13 VIDAS MARCADAS PELO JINSG: . FILHO DE VICENTINA

Maria Esmeralda Vaz Rodrigues é uma daquelas pessoas cuja história de vida simples poderia parecer desprovida de importância, não fosse a sua abnegação em prol dos que sofrem e passam privações. Ela foi apenas mais um elo na corrente da solidariedade Vicentina, uma formiguinha carregando no carreiro poeirento provisões, não para o seu formigueiro, mas para distribuir por quem mais precisava. As Vicentinas acartavam coisas pesadas, como sacos de comida, por ruas inclinadas, quase sempre a pé. Muitas delas sofreram com problemas de ossos, coluna, articulações e varizes, devido a esses esforços.

O seu filho, Pedro Rodrigues, faz atualmente parte do Conselho Fiscal da AJINSG e deixa um testemunho acerca da sua atuação, que mostra muito bem o espírito que movia estas mulheres altruístas, que deixaram o mundo um pouco melhor.

Maria Esmeralda é uma das Vicentinas da segunda leva, tal como a D. Violete. Entrou para a Conferência em 1976, depois de ficar viúva. A sua propensão para ajudar os outros, contudo, é muito anterior à perda do marido. Já com ele se dedicava a cuidar dos doentes da ala das doenças infetocon-

tagiosas do Hospital Curry Cabral, como voluntários. Nesse sentido, todos os dias cozinhava com a ajuda da empregada e levavam a comida para aqueles doentes. Nos anos 60, o país era muito pobre e a ajuda aos desvalidos era muito importante. *“Com a morte do meu pai, deixou de ir para o Curry Cabral e, como era muito católica, conheceu as Vicentinas, ficou amiga da D. Violete e integrou a Conferência. Foi uma vida em grande!”*, recorda o filho.

As Vicentinas distribuíam entre si as tarefas, cada uma era responsável por um grupo de pessoas carenciadas. Empreenderam um percurso de sacrifício pessoal porque foi preciso perseverança e abnegação para levar os diversos projetos avante.

Reuniam às quintas-feiras, à tarde. Depois organizavam as roupas, na igreja, faziam peditórios, compravam os artigos necessários, visitavam as pessoas e distribuíam dinheiro e bens.

“A minha mãe às vezes chegava da missa, punha-se a contar os donativos e na altura do mês em que as pessoas tinham recebido apareciam as notas, noutras alturas só davam moedas e a minha mãe, assim como outras Vicentinas, punha do dinheiro dela para que nenhuma necessidade ficasse por suprir, testemunha Pedro Rodrigues.

A prática da caridade também é inculcada nas crianças do JINSG. As Vicentinas têm esse carisma de prestar assistência, ajudar os outros, tendo como princípio a igualdade, a dignidade humana, o respeito e a não distinção de pessoas.

Pedro Rodrigues conhece, através da sua mãe, alguns antigos alunos do JINSG. Sabe que um rapaz proveniente de um dos bairros pobres hoje em dia é advogado, outra rapariga é secretária e tem muita simpatia pelas Vicentinas.

A D. Violete e a D. Irene são atualmente as principais porta-estandartes do movimento.

14 MENSAGEM VISÃO .DE FUTURO

Hoje em dia, a Direção da Associação não é constituída por Vicentinas. Os atuais responsáveis são o Nuno Martins, a Cátia Vieira e a Dora Alves. Com grande sentido de missão, trouxeram para este espaço todo o seu *know how* para modernizar e reavivar o carisma da AJINSG. Podemos afirmar que os valores fundadores da AJINSG foram repescados e através deste livro ficarão para sempre registados.

Em Dezembro de 2018, a Direção, atenta aos sinais dos tempos, ao deparar-se com tantas respostas negativas que tinha de dar a pais por falta de lugar para acolher as crianças, principalmente de creche, decidiu arregaçar mangas e procurar modos de responder.

E foi assim que surgiu a possibilidade de um novo espaço em Algés, na Calçada do Rio, passível de ser adaptado para a resposta de Creche. Nesse sentido, a Direção tratou de elaborar um plano: estudaram-se as alterações necessárias para adaptar o espaço, solicitou-se o envolvimento e a apoio da Câmara Municipal de Oeiras, na pessoa do Sr. Presidente Dr. Isaltino de Moraes e

da Sr^a Vereadora Teresa Bacelar. A resposta foi pronta e as obras começaram em Junho e terminaram em Setembro de 2019.

Dos inúmeros desafios, a Direção recorda com humor um episódio em que foram questionados sobre o nome das salas... E quais seriam os nomes das três salas? Nome de Frutas? ... não! Nome de cores? Também não! Plantas aromáticas? Talvez não! Eis que alguém sugeriu os nomes dos três Pastorinhos de Fátima que nos encheram de alegria - e assim o berçário passou a chamar-se sala Jacinta – a mais pequenina; a sala de 1 ano Francisco – o amigo dos animais; e a sala da Lúcia é a dos mais crescidos.

No dia 1 de Outubro de 2019, abriram-se as portas às 30 crianças entre os 6 meses e os 3 anos - os primeiros habitantes da nova creche. Já no dia 2 de Outubro de 2019, foram benzidas as imagens dos pastorinhos e as instalações, pelo pároco de Algés, P. António Figueira.

Grandes passos foram dados nestes últimos 3 anos - desde a renovação do espaço e várias obras de melhoramento, até à criação de uma infraestrutura tecnológica que liga os dois locais, passando pelo aumento para o dobro da capacidade em creche.

Na área dos processos e das pedagogias, também houve grandes novidades; por exemplo, a implementação de uma avaliação de desempenho, a criação de um serviço de psicologia e terapia da fala para apoio direto em sala e reforço dos tempos curriculares com música, expressões artísticas e um despertar da fé como um referencial para a vivência na escola.

Um bom exemplo desta dinâmica é o projeto “De mãos dadas”, que movimentou as famílias JINSG para o apoio a famílias em dificuldade.

Ao focarmo-nos no carisma e na própria história da AJINSG, compreendemos a realidade atual, com as suas fortalezas e limitações, avanços e recuos. Permitiu-nos ainda constatar que, em todas as mudanças, Nossa Senhora das Graças está sempre presente.

Gerir a mudança foi uma tarefa enorme. Entre saídas de funcionários, bai-

xas - felizmente por gravidez - e a pandemia Covid19, o nosso dia a dia quase se assemelhou às grandes convulsões do período revolucionário pós-25 de abril. Contudo, a equipa foi-se fortalecendo cada vez mais, está mais forte e mais viva que nunca, e cada dia mais capaz de compreender o significado profundo do coração que palpita.

Fruto da generosidade de um sócio e das famílias do JINSG, encontra-se em fase final de construção a capelinha de Nossa Senhora das Graças, onde pequenos e grandes poderão encontrar-se em oração e, de coração a coração, aprender a conhecer Jesus.

A Direção, ao lançar esta monografia, reforça a identidade AJINSG, da qual o carisma vicentino não mais ficará esquecido, procurando simultaneamente cimentar a ação pedagógica nesse mapa identitário.

Uma fé sem obras é uma fé morta! (Tiago 2, 14-26)

Como não poderíamos deixar de anotar, a vida da Associação tem seguido entre tempestades e bonanças e acreditamos que assim continuará a acontecer também no futuro... mas sempre ancorada a Deus e nos braços de Nossa Senhora das Graças!

Nuno, Cátia e Dora

Novembro 2020





